

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**“A INFLUÊNCIA DA PERCEPÇÃO DE RELIGIOSOS MEDIEVAIS NA NOÇÃO DE  
ALTERIDADE EM RELAÇÃO AO ORIENTE”**

**ADRIA ADRIANI DE SOUZA**

**Florianópolis  
2015**

**ADRIA ADRIANI DE SOUZA**

**“A INFLUÊNCIA DA PERCEPÇÃO DE RELIGIOSOS MEDIEVAIS NA NOÇÃO DE  
ALTERIDADE EM RELAÇÃO AO ORIENTE”**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Florianópolis - SC, julho de 2015.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos sete dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às catorze horas e trinta minutos, no Meridianum, Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Aline Dias da Silveira**, Orientadora e Presidente, Professor **João Klug**, Titular da Banca, e Professor **Rodrigo Prates de Andrade**, Suplente, designadas pela Portaria nº 83/TCG/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Adria Adriani de Souza**, subordinado ao título: "A influência da percepção de religiosos medievais na noção de alteridade em relação ao Oriente". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora **Aline Dias da Silveira**, a nota final **9**, do Professor **João Klug**, a nota final **9**, e do Professor **Rodrigo Prates de Andrade**, a nota final **9**, sendo aprovado com a nota final **9**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dezesseis de julho de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 7 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aline Dias da Silveira

Prof. João Klug

Prof. Rodrigo Prates de Andrade

Candidata Adria Adriani de Souza

*Aline Dias da Silveira*

*João Klug*

*Rodrigo Prates de Andrade*

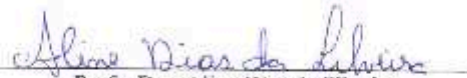
*Adria A de Souza*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica *Adria Adriani de Souza*, matrícula n.º 10101755 entregou a versão final de seu TCC cujo título é *A Influência da Percepção de Religiosos Medievais na Noção de Alteridade em Relação ao Oriente*, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 16 de julho de 2015.

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Aline Dias da Silveira  
Orientadora

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
Capítulo I .....	12
As missões religiosas nos caminhos da Rota da Seda .....	12
1.1 A criação das ordens Mendicantes .....	12
1.2 Quem eram os religiosos missionários.....	14
1.3 Quais eram seus propósitos .....	16
1.4 As dificuldades do idioma .....	18
Capítulo II .....	26
O Contexto Histórico Medieval encontrado pelo viajante frei Odorico .....	26
2.1 A expansão do nestorianismo pela Rota da Seda .....	26
2.2 Viajantes Medievais se aventuram no Oriente .....	30
2.3 Comercializar é preciso .....	36
2.4 Discutindo o comércio entre Oriente e Ocidente .....	37
Capítulo III .....	40
As várias visões do “outro” .....	40
3.1 As trocas culturais de forma interligada .....	40
3.2 O outro: Ser católico e a construção do olhar.....	44
3.3 Consequências desses contatos na atualidade .....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	61
Salvando Almas .....	61
ANEXO I .....	63
Figura 02 - A difusão do Nestorianismo. ....	63
ANEXO II .....	64
Figura 03 – Odorico de Pordenone nas Índias. ....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	65

*Dedico este trabalho à paciência e apoio de meu companheiro, Alessandro R. Ramos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Sempre acreditei na amizade de meus colegas acadêmicos e na grande dedicação de meus caros professores que com carinho me levaram pelos caminhos da História. Meu muito obrigada.

## RESUMO

A Rota da seda – muitos viajantes já seguiram essa rota antiga, a qual os chineses chamaram pelo nome dado à fibra branca, da qual só eles conheciam os segredos. Ao fazer contato com o Ocidente, encontraram homens dispostos a pagar muito caro pela seda. O contato entre culturas tão diferentes expandiu as fronteiras, fazendo circular ideias, conhecimentos, mercadorias, línguas e ensinamentos religiosos. O mundo não foi mais o mesmo. Os caminhos da Rota da Seda atraíram religiosos em busca da desejada salvação das almas, do paraíso e da aproximação das Igrejas Cristãs. Esse foi o caso do Frei Odorico de Pordenone da Ordem Franciscana e viajante friolano que, entre os séculos XII-XIII, levou aos povos do Oriente a crença e a ideologia da religião católica. Esse trabalho busca responder à questão: como a percepção dos religiosos católicos influenciou as noções de alteridade construídas pela sociedade medieval em relação aos povos e culturas orientais?

**Palavras-chave:** alteridade; cultura; percepção; Rota da Seda; religiosos.

## ABSTRACT

The Route sedation – Many travelers have followed this ancient route, which the Chinese called the name given to the white fiber, which only they knew the secrets. To make contact with the West, they found men willing to pay dearly for silk. Contact between different cultures did push the boundaries, circulating ideas, knowledge, goods, languages and religious teachings. The world was no longer the same. Silk Road attracted religious paths in search of desired salvation of souls, of paradise and the approach of Christian Churches. This was the case of Friar Odorico of Pordenone of the Franciscan Order and traveler friolano that between centuries XII- XIII, took the eastern peoples belief and ideology of the Catholic religion. This paper seeks to answer the question: as the perception of Catholic religion influenced notions of otherness built by medieval society in relation to people and Eastern cultures?

**Keywords:** culture; otherness; perception; religious; Silk Road.



## INTRODUÇÃO

Tanto na Antiguidade como na Idade Média a Rota da seda desempenhou fator de ligação entre Europa e Ásia. Utilizada de maneira estratégica, foi útil a muitos povos como castelhanos, judeus, muçulmanos, bizantinos e árabes. Por suas vias, caminharam emissários religiosos, comerciantes, diplomatas, aventureiros, entre outros. Nelas, por terra ou por mar, fluíram saberes, riquezas maravilhosas, tecnologias, culturas e ideologias religiosas.

Logo, os interesses comerciais dos europeus pelo Oriente e a expansão do mundo conhecido, levaram comerciantes e religiosos do medievo a trilharem os caminhos que ligavam o Ocidente e o Oriente. Considerando esse contexto, o tema deste trabalho de conclusão de curso tratará do olhar de estranhamento sobre o “outro” e a desvalorização das diferenças como objetivo na obra do viajante medieval Frei Odorico de Pordenone sobre o Oriente.

Para entendermos a visão de estranhamento do religioso católico em relação ao “outro”, analisaremos os elementos no relato de viagem de Frei Odorico de Pordenone na obra *Crônicas de Viagem-Franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo (1245-1330)*<sup>1</sup>. Em meio ao contexto histórico dos contatos interculturais dos povos na época das navegações europeias, buscaremos discutir o impacto e o significado desses encontros, inclusive, nos dias de hoje.

Odorico pertenceu à Ordem Franciscana e foi viajante friolano que, entre os séculos XII-XIII, levou aos povos do Oriente, chineses e indianos, a crença e a ideologia<sup>2</sup> da religião católica. Seus intentos, além de trazer preciosas informações sobre o possível comércio entre as duas regiões, proporcionaria ao autor a desejada salvação da alma católica ao paraíso e a aproximação da Igreja Ocidental.

As conquistas dos lugares santos em Jerusalém pelas cruzadas aumentaram os contatos de cristãos europeus e os povos da Ásia, principalmente os mongóis que já haviam ampliados em muitas vezes seu território e chegavam cada vez mais próximos à Europa<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> CARPINE, João de Piandel; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de. **Crônicas de Viagem: franciscanos no extremo Oriente antes de Marcos Polo (1245-1330)**. Tradução de Ildelfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre: EDIPUCRS; Bragança Paulista: EDUSF, 2005 (Coleção Pensamento Franciscano, Vol. VII).

<sup>2</sup> Segundo dicionário do aurelio.com. Ideologia é o conjunto de ideias, convicções e princípios filosóficos, sociais, políticos que caracterizam o pensamento de um indivíduo, grupo, movimento, época, sociedade. Já para o termo religião, doutrina ou crença religiosa, considerada como um dever sagrado. Encontrado em 10/07/2015.

<sup>3</sup> MACEDO, José Rivair (org.). **Os Viajantes da Rota da Seda (séculos V-XV)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 135.

Outro fator de importância, que será abordado neste trabalho (sem intenção de esgotá-lo) e que aumentou o interesse dos europeus na Ásia, foi o alargamento das fronteiras em direção ao Oriente, como também a criação das ordens mendicantes, franciscana e dominicana, no início do século XIII. Os votos de pobreza que impossibilitavam esses religiosos de acumular bens, sejam individuais ou coletivos, obrigava-os a buscar seu sustento através de seu próprio trabalho, que podia ser pela pregação ou ouvindo as confissões dos fiéis. A proibição da posse de bens, juntamente com os votos de pobreza, estimulava-os à pregação e desde o início, essas ordens religiosas demonstraram interesse, principalmente, no deslocamento desses missionários em busca da conversão dos “infieis” (judeus, muçulmanos e pagãos)<sup>4</sup>.

Considerando a diversidade dos olhares dos viajantes medievais, pretende-se explicar no decorrer desse estudo, se a condição de ser católico foi determinante ou não, na construção desses olhares. Como Odorico expressou juízos de valores negativos em relação ao diferente e ao “outro”? O que buscava e por quê? Como a percepção dos religiosos católicos influenciou as noções de alteridade construídas pela sociedade medieval em relação aos povos e culturas orientais? Tudo isso na complexidade da forma como o missionário proveniente de uma sociedade tradicional enquadrou indivíduos tão diferentes dele mesmo e no choque de sua realidade com a incorporação do estranho. Este trabalho põe em questão a situação fundamental para entendermos as intrincadas relações das noções de alteridade construídas na sociedade ocidental moderna.

No primeiro capítulo, abordaremos a criação das ordens medicantes e como essas missões religiosas percorreram os Caminhos da Rota da Seda durante os séculos XII e XIII, religiosos que se lançavam às terras estrangeiras do extremo oriente com a finalidade de salvar almas, propagar a ideologia e as crenças religiosas. Inclui-se também como lidaram com o idioma do estrangeiro.

Para o segundo capítulo, adentraremos nos séculos XII-XIII, percebendo o contexto histórico medieval encontrado pelo frei Odorico e como os europeus do Ocidente passaram por movimentos de expansão de seu mundo, através das grandes navegações, a abertura dos caminhos que levavam a Ásia e a atenção ocidental foi direcionada ao Oriente, conduzidos principalmente pelas cruzadas. Tais fatores provocaram o deslocamento de grande número de viajantes em direção a Terra Santa e aos lugares santos, estreitando o contato entre católicos ocidentais e cismáticos. Com as conquistas desses lugares, as fronteiras foram ficando mais

---

<sup>4</sup> Ibidem, p.135-136.

largas, como no caso dos mongóis, que vinham em processo de expansão de seu império, aproximando as fronteiras do Ocidente. Sem esquecermos a questão do nestorianismo e a importância do comércio entre Oriente e Ocidente e que comércio e religião, nesse momento, andavam juntos.

No terceiro e último capítulo, se discutirá como as trocas culturais se deram de forma interligadas e comuns aos dois “mundos” e que esses contatos foram perceptíveis no medievo e como ainda são perceptíveis atualmente. Debateremos como esse processo de estranhamento religioso medieval do “outro” ainda causa impacto atualmente, e as consequências desse olhar medieval em novas formas de preconceito moderno no que se refere aos orientais a partir da análise das construções da imagem do outro pelo viajante religioso medieval.

## Capítulo I

### As missões religiosas nos caminhos da Rota da Seda.

#### 1.1 A criação das ordens Mendicantes

Marina Kleine em seu artigo “*Os missionários franciscanos e o problema da comunicação com os infiéis nos séculos XIII-XIV*”<sup>5</sup>, discute o importante surgimento das duas principais ordens mendicantes fundadas no período que percorreram a Rota da Seda<sup>6</sup> durante a Idade Média. A Ordem dos Menores e Ordem dos Pregadores – também conhecidas como as ordens franciscana e dominicana no início do século XIII, as quais contribuíram, através de seus escritos, com o crescente interesse dos europeus em relação à Ásia. Outras personalidades estão ligadas aos missionários, como frades menores<sup>7</sup>, estudiosos de hagiografia, historiadores de literatura latina, eruditos e devotos<sup>8</sup>. Frei Odorico menciona a presença de frades menores em uma passagem: “Quando os mencionados frades menores estavam em Hormuz, foram acomodados numa nave para irem a Polumbom”.

A Ordem dos Dominicanos ou ordem dos Pregadores foi fundada por São Domingos de Gusmão no ano de 1209, quando o Papa Inocêncio III aprovou definitivamente as suas constituições. Em 1215 a nova comunidade contava já dezesseis religiosos, com seis espanhóis, oito franceses, um inglês e um português. A Ordem adotou como modo de vida a pobreza pessoal e o trabalho manual, o silêncio e o jejum. As normas usadas como base na formação da regra definitiva, foi à ordem agostiniana. A pregação, educação e evangelização cristãs caracterizam o ponto central da Ordem dominicana. Seus religiosos são compostos

---

<sup>5</sup> KLEINE, Marina. Os Missionários Franciscanos e o Problema da Comunicação com os “Infiéis”. In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da rota da seda**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p.135-149.

<sup>6</sup> Segundo Luce Boulnois a Rota da Seda era uma série de caminhos interligados através do sul da Ásia, utilizados no comércio da seda e outras mercadorias através de caravanas e embarcações oceânicas que ligavam Oriente e Europa.

<sup>7</sup> A Ordem São Francisco ou Ordem dos Frades Menores teve início em 1209 quando São Francisco, convertido, estabeleceu para si uma vida de intensa vivência do Evangelho, em austera mortificação, penitência e pobreza. O Papa Inocêncio III, já em 1209, havia aprovado a Ordem verbalmente, mas foi em 1221 que a regra franciscana recebeu aprovação canônica, firmada pelo Papa Honório III, cuja regra permanece em vigor até os dias atuais. No decorrer do tempo, a estrutura da congregação dividiu-se em diversas ramificações, canonicamente estudadas e aprovadas, de forma que a Ordem Franciscana hoje divide-se assim: Primeira Ordem, composta por: Ordem dos Frades Menores, ou observantes; Ordem dos Frades Menores Conventuais e Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Encontrado em: <http://www.paginaoriental.com/santos/franc.htm>, 18/10/2014.

<sup>8</sup> CARPINE, João de Piandel. História dos Mongóis. In CARPINE, João de Piandel; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 270.

por sacerdotes, frades, freiras, monjas e também leigos, estes últimos da Ordem Terceira Dominicana<sup>9</sup>.

O fato de essas ordens medicantes fazerem votos de pobreza, algo que as diferenciava das demais, impossibilitava os religiosos de acumularem bens, sejam individuais ou coletivos, obrigando-os a buscar seu sustento através de seu próprio trabalho nas vilas e cidades, podendo ser pela pregação ou ouvindo as confissões dos fiéis. Esses frades ofereciam à comunidade os princípios básicos dos mendicantes: trabalhos de pregação e confissão. Em troca, aquela os retribuía com o sustento, ficando, assim, as esmolas em segundo plano. As ordens medicantes estão relacionadas a um fenômeno de espiritualidade mais “popular”, aproximando os frades dos fiéis em oposição à vida de isolamento das demais ordens monásticas<sup>10</sup>.

O trabalho missionário não era específico aos franciscanos e dominicanos, essa característica estava presente também nas outras grandes ordens monásticas, como beneditinas e agostinianas, que desenvolviam importante trabalho de evangelização, especialmente no século XII – porém, estas se limitavam a estabelecerem-se em regiões próximas. É a partir do século XIII, que os mendicantes se tornaram os protagonistas na difusão do cristianismo em terras orientais pelas mãos de seus missionários. Segundo Marina Kleine, os mendicantes, além de embaixadores, já estavam acostumados no trato com os infiéis.

Portanto, é compreensível que Inocêncio IV tenha escolhido frades mendicantes como embaixadores: além de já estarem habituados com o deslocamento até os “infiéis”, de acordo com os estatutos das duas ordens – como fizeram em Al-Andalus e no Marrocos- franciscanos e dominicanos constituíam um excelente “cartão de visita” para o líder da Igreja cristã no Ocidente junto àqueles que pretendia conquistar pela conversão.

Mesmo apresentando diferenças, as duas grandes ordens mendicantes foram fundamentais no processo de contato entre cristãos ocidentais e mongóis. Para o interesse desse trabalho, nos concentraremos na ordem franciscana e a forma que seus frades desempenharam e executaram tarefas de diplomacia e/ou evangelização.

A ordem franciscana foi fundada em 1209, sendo oficializado pelo Papa Honório III somente em 1223, preocupou-se em incluir em suas regras uma menção especial aos religiosos que se deslocassem aos “infiéis” com o intuito de evangelização: “Diz o Senhor:

---

<sup>9</sup> Encontrado em: <http://www.paginaoriental.com>, em 24/10/14.

<sup>10</sup> KLEINE, Marina, op. cit., p.135-149.

‘Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas’ [Mt 10,16]. Por isso, qualquer frade que quiser ir entre sarracenos e outros infiéis, vá com a licença de seu ministro e servo”.<sup>11</sup>

## 1.2 Quem eram os religiosos missionários

As finalidades das viagens missionárias nem sempre se resumiam a evangelização, conversão e salvação das almas dos infiéis. O medievalista José Rivair percebe a multiplicidade de cargos ocupados pelos religiosos, como frei João de Pian Del Carpine, embaixador e representante de autoridade religiosa, encarregado de missão pelo Papa Inocêncio IV<sup>12</sup> junto à corte do Khan, onde presencia a cerimônia de entronização de Guiuk Khan. Carpine tinha a missão de estudar os costumes dos mongóis, principalmente, as suas táticas bélicas para, depois, escrever o que aprendeu ao Papa. Alcançou destaque na expansão da Ordem Franciscana, foi enviado como pregador 1221, custódio na Saxônia e, por duas vezes, ministro provincial<sup>13</sup>. Em seu relato, João Del Carpine se define como sendo “embaixador da Sé Apostólica junto aos tártaros e a outras nações do Oriente<sup>14</sup>”.

Quanto a outros missionários, como os frades Guilherme de Rubruc, João de Montecorvino que se dedicaram a evangelizar e, em particular neste trabalho, Frei Odorico de Pordenone.

No caso de Guilherme de Rubruc, é provável que esse frei francês tenha viajado para a Terra Santa na companhia do rei Luís IX, em 1248, na sexta Cruzada. Guilherme parte em direção à Mongólia saindo da Terra Santa e, quando retorna, a Cruzada já havia chegado ao fim, voltando à França. Ele leciona em São João D’Acre, de onde escreve seu relato. Alegando não ter sido enviado por ninguém, viaja até os “infiéis” mongóis por sua livre vontade, mesmo que seu relato tenha sido redigido para o rei Luís IX da França. Rubruc escreve suas experiências pessoais percebidas ao longo do trajeto de forma precisa e cronológica, dando maior ênfase às diferentes práticas religiosas<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> Ibidem, regra franciscana não bulada, redigida em 1209 e aprovada pelo Papa Inocêncio III. Disponível em formato bilíngue, latim-português, em <<http://www.procasp.org.br>, em 24/10/2014.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 21-22.

<sup>13</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 337.

<sup>14</sup> KLEINE, Marina, op. cit., p 139.

<sup>15</sup> Idem, p.139-140.

João de Montecorvino nasceu por volta de 1247, na cidade hoje conhecida como Montecorvino Rovella, província de Salerno. Missionário na Armênia e na Pérsia, foi embaixador do Papa Nicolau IV no Oriente Próximo, partindo para o Oriente em 1291. João foi o primeiro arcebispo em Pequim, e em 1307, desempenhou importante trabalho de evangelização na China e foi considerado um dos responsáveis pela difusão da religião cristã. De modo geral, seu relato descreve como conseguiu estabelecer a fé em Pequim, mas também, das dificuldades que estava enfrentado para realizar suas tarefas só e em como gostaria de batizar o imperador Chaam<sup>16</sup>.

Frei Odorico foi da Ordem Franciscana e viajante friolano que, entre os séculos XII-XIII, levou aos povos do Oriente, chineses e indianos, a crença e a ideologia da religião Católica. Odorico não chegou a ocupar cargo de destaque na ordem franciscana, preferindo o retiro solitário antes da viagem ao Extremo Oriente, por volta de 1314<sup>17</sup>.

Ele nasceu em Villanova de Pordenone (Itália), em 1265 e morreu em 14 de janeiro de 1331 no Convento de Udine, aos 66 anos de idade. Sua vida nos é pouco conhecida e o elemento que pode explicar sua popularidade é a descrição de sua viagem que durou vários anos e seu relatório de viagem por países desconhecidos e fascinantes para os europeus. Ele foi o primeiro europeu medieval a referir o nome de Sumatra e a esticar sua viagem até a Ilha de Bornéu.

Na mesma ilha, em direção ao sul, existe outro reino, de nome Sumatra, onde há uma geração de pessoas diferentes que, com um pequeno ferro quente, marcam-se na face em 12 lugares. E isso é feito tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Eles sempre promovem guerra com aqueles que andam nus. Nesta região, há grande quantidade de coisas<sup>18</sup>.

O primeiro também a descrever a pesca com o mergulhão, a notar os pés comprimidos e deformados das meninas chinesas e as unhas longas e arqueadas dos mandarins.

[...] Hospedei-me na casa de um hospedeiro. Querendo me agradecer disse: “Se queres ver pescar, vem comigo”. E me levou sobre a ponte; quando estava lá, olhei e vi que em suas barcas havia mergulhões amarrados sobre varas. Então, o homem amarrou um fio ao pescoço deles, para que, quando emergissem na água e pegassem os peixes, não pudessem comê-los [...] Eu comi daqueles peixes<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 140-141.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 141.

<sup>18</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 304.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 314.

A sua nobreza consiste em ter longas unhas. Outros deixam crescer somente as unhas do polegar e, com elas, cercam a sua mão. A beleza das mulheres consiste em terem pés pequenos; por isso, as mães daquelas mulheres têm o costume de, quando nascem as meninas, amarrarem os seus pés para que não cresçam<sup>20</sup>.

Ele foi um missionário persistente, que parte para o Oriente a fim de “ganhar” o maior número possível de almas para a fé cristã, participando da evangelização do Império Mongol:

Embora se narrem muitas e variadas coisas sobre os costumes e as condições desse mundo, deve-se, contudo, saber que eu, Frei Odorico de Friuli, querendo fazer uma viagem e ir até as regiões dos infiéis para lucrar alguns frutos de almas, ouvi e vi muitas coisas grandes e maravilhosas que verdadeiramente posso narrar<sup>21</sup>.

Considerado por muitos como um missionário incansável, e até mesmo santo, alcançou o *status* de “apóstolo do Oriente”. O trabalho desempenhado por ele contribuiu para incrementar o prestígio da Ordem Franciscana.

Entre as aventuras, Pordenone testemunhou o martírio de quatro outros frades em terras indianas: “[...] em 28 dias de viagem, cheguei a Tanam, onde quatro de nossos frades menores sofreram o glorioso martírio pela fé de Cristo<sup>22</sup>”. Segue em frente, dando continuidade ao trabalho de evangelização no Império Mongol, iniciada algumas décadas antes por outros frades da Ordem, como o caso de João de Montecorvino<sup>23</sup>.

### 1.3 Quais eram seus propósitos

Esses missionários eram, entre outras coisas, ótimos observadores, preocupados em coletar informações referentes à cultura, política, estratégia militar, no tocante a negócios com povos guerreiros, como turcos-mongóis.

Ao lermos os escritos de Pordenone, podemos perceber o quanto era observador, dedicando-se a descrever em seu minucioso relato de viagem os detalhes dos países por onde passou. Ele construiu um “tratado geográfico e comercial”, e segundo Bartolomeu de Pisa, em

---

<sup>20</sup> Ibidem, p. 332.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 283.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 289.

<sup>23</sup> PORDENONE, Odorico da. *Itinerarium*, in: Sinica Franciscana, collegit, ad fidemcodicum, redegitetannotavit P. ANASTASIUS VAN DEN WYNGAERT, OFM. Vol. I, Itineraetrelationes fratrumminorum saeculi XIII et XIV. Firenze: Apud Collegium S. Bonaventurae, Quaracchi, 1929, p. 269-282.



seu trabalho “sobre as condições, habitações e costumes dos infiéis ele estava informadíssimo, e pode contar de modo verídico<sup>24</sup>”.

Frei Odorico de Pordenone, cujo olhar cristão buscava e direcionava-se a crítica e até mesmo a descaracterização de costumes religiosos que se opunham às explicações superiores em sua crença, aponta o fato que marca profundamente o conteúdo dos textos produzidos pelo religioso. As diferenças, os debates e conflitos das tradições culturais orientais perante as tradições ocidentais medievais são claramente percebidas no discurso e observações de Odorico.

Este reino dista dez jornadas de outro reino, chamado Mobar, que é um reino muito grande e tem muitas cidades e terras sob seu domínio. Neste reino foi sepultado o corpo do Apóstolo São Tomé, cuja igreja está cheia de muitos ídolos. Perto dela, há, talvez, 115 casas de cristãos nestorianos, que são hereges da pior qualidade<sup>25</sup>.

Outro a demonstrar e reproduzir esse comportamento em relação a uma crença oriental foi um confrade de Odorico, frei Tomás:

Então, Frei Tomás respondeu: Vós tanto perguntastes o que eu digo dele, que me envergonharia demais se calasse. Assim, por quererdes que eu responda, respondo-vos e digo que Maomé é filho da perdição e foi posto no inferno com o diabo, seu pai. E não só ele, mas todos os que professam e observam essa lei, que é pestífera e falsa, porque é contra Deus e a salvação das almas<sup>26</sup>.

Seu olhar de estranhamento sobre o outro e a desvalorização das diferenças na obra do viajante medieval do frei sobre o Oriente estão marcadamente presentes. Em seu discurso, aparece a permanente dificuldade do viajante em tentar entender, ou apenas relatar sem críticas, as passagens e experiências vividas ao longo de sua peregrinação. Como é possível perceber no trecho abaixo:

Os idólatras deste reino têm outro péssimo costume: quando um homem morre, queimam o morto e, se ele tiver mulher, queimam-na viva, pois dizem que ela vai morar com seu marido no outro mundo. Mas, se a mulher tem filhos com seu marido, se quiser, pode ficar com eles, o que para ela não é considerado uma vergonha. Mas, se a mulher morrer antes do marido,

---

<sup>24</sup>De conformitate vitae beati Francisci ad vitamdominiIesu, considera que “de conditionibus, habitationibusetmoribusinfidelium erat informatissimus, ac veridicepotuiffeffari” (cf. *Analecta Franciscana*, IV, Quaracchi, 1906). *Ibidem*, p. 274.

<sup>25</sup>CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 301.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 292.

nenhuma lei é imposta ao homem, que, se quiser pode casar-se com outra mulher<sup>27</sup>.

Odorico permanece na China por dezesseis anos, compondo um relato rico e detalhado dos lugares que visitou, dos produtos e das “maravilhas do Oriente”, porém, oferece escassos detalhes sobre sua missão evangelizadora. Entretanto, dá ricos detalhes sobre o martírio dos quatro frades na Índia em 1331, cujos restos mortais transportou para sepultar em Zaitun, na China<sup>28</sup>.

Então, sabendo de seu glorioso martírio, eu, Frei Odorico, fui para lá e recebi os seus corpos que já haviam sido sepultados, porque Deus opera muitos e grandes milagres por meio de seus santos, e quis operá-los, sobretudo por estes. Assim, ao receber os ossos desses frades, eu, Frei Odorico, amarrei-os em toalhas e, com um companheiro e um servo, transportei-os a um convento dos frades menores na Índia Superior<sup>29</sup>.

Tanto Odorico quanto os colegas religiosos desempenharam com sucesso seus propósitos e captaram conhecimento a cerca da vida cultural, da política, da organização da sociedade oriental e de como seus exércitos se constituíam. Outra finalidade das viagens era a de salvar almas, propagar a ideologia e as crenças religiosas. Todas essas informações constituem seu relato de viagem, importantes armas no contato entre europeus e orientais, e estratégia política e econômica para a aristocracia europeia.

#### **1.4 As dificuldades do idioma**

Ao juntarem-se ao grande volume de viajantes mercadores, embaixadores, emissários, cruzados, peregrinos, artista, emigrantes e estudantes que percorriam as muitas rotas de circulação durante o século XII, os religiosos franciscanos deram início ao processo de difusão da ordem na própria cristandade e, por consequência, da fé cristã pelo mundo pagão<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Trata-se do costume do *satí*, o suicídio da viúva, rito mencionado também por Marco Polo e que alguns descrevem detalhadamente: “Quando a mulher é levada para ser queimada, é vestida e adornada com muita honra, toda coberta de flores, acompanhada de muitas pessoas. Com muitos instrumentos ela vai cantando e dançando em meio ao povo até uma praça. Ali é preparado um monte de lenha, ao qual ela sobe e se senta numa cadeira, com o marido morto nos braços. A seguir, é posto fogo à lenha e queima-se a mulher viva com o marido morto...”, Ibidem, p. 300-301.

<sup>28</sup> KLEINE, Marina. Op. Cit., p. 141.

<sup>29</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de. Op. Cit., p. 298.

<sup>30</sup> KLEINE, Marina, op. cit., p.138.

Essas missões religiosas percorreram os caminhos da Rota da Seda principalmente durante os séculos XII e XIII. Os religiosos se lançavam às terras estrangeiras do Extremo Oriente com a finalidade de salvar almas, irradiar a ideologia e as crenças religiosas. Tais viagens eram executadas a pé através das rotas terrestres e também por rotas marítimas, a aventura era difícil e perigosa, pois, durante a caminhada, os religiosos poderiam topar com ladrões e assassinos ou até mesmo com animais ferozes: “na floresta há também rios, onde existem muitos crocodilos perigosos, isto é, serpentes<sup>31</sup>”.

Esses perigos enfrentados pelos viajantes e os choques ocasionados pelas diferenças de costumes e dificuldades de comunicação eram naturais às rotas de longa distância percorridas durante o período do medievo, podendo tais rotas serem comercial cultural ou religiosa. Esses mesmos problemas também atingiam os freis franciscanos em suas missões, tanto no que tange a evangelização, como na função de embaixadores, como no caso de quatro frades que seguiram para a Ásia contatando os mongóis em várias ocasiões, durante meados do século XIII, e na primeira metade do século XIV, onde registraram seus relatos de viagem em forma de cartas ou em textos. Nesses relatos aparecem dois franciscanos, o lombardo João de Pian Del Carpine, em 1245 a 1247 e o flamengo Guilherme de Rubruc de 1253 a 1255, que alcançou à Mongólia a pé. E ainda, mais dois freis, que se deslocaram até a China (conhecida pelos mongóis como Yuan) por vias marítimas: João de Montecorvino em 1291 a 1328, oriundo da região da Campanha, no sul da Itália e Odorico de Pordenone em de 1314 a 1330. Kleine orienta que os relatos dos quatro viajantes estão traduzidos em português por Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli.

Marina Kleine esclarece que, tanto para os missionários que foram para a Mongólia, como aqueles que chegaram à China, pertencentes à mesma ordem, e que fizeram uso dos mesmos caminhos (terrestre ou marítimo) em períodos muito próximos (século XIII e XIV), apresentam diferenças em seus relatos, denotando as múltiplas trajetórias de vida daqueles que escreviam como as diferentes motivações que os levaram ao Oriente<sup>32</sup>.

Mesmo o enfoque das missões dos evangelizadores fosse distinto, a fome, o frio, a sede, a fadiga e as dores eram comuns a todos durante o longo itinerário, então, deixavam de aparecer nos relatos. A rota para a Mongólia, por cruzar grandes áreas desérticas e gélidas, era mais árdua, os viajantes tinham que se contentar com poucas cidades e povoados que ainda se distanciavam muito entre si. Igualmente, a rota marítima para à Ásia, seguida por Pordenone,

---

<sup>31</sup>CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 299.

<sup>32</sup>Ibidem, p. 138.

resumia-se a um extenso percurso do Golfo Pérsico até o sul da Índia, chegando a se estender até a China, sendo esse caminho similarmente perigoso.

Outro obstáculo, também relevante, ao processo evangelizador dos religiosos era a dificuldade de comunicação com os povos contatados ao longo da viagem. Tal ignorância em relação ao idioma, não foi exclusiva aos frades franciscanos ou a outros viajantes que percorreram a Rota da Seda. Quando os primeiros franciscanos missionários, que buscavam difundir a ordem pela cristandade, passaram por atribulações por não falarem os idiomas dos povos nativos alcançados. O testemunho do missionário evangelizador Jordão de Jano, serve como exemplo, enviado à Alemanha em 1262, fala em sua crônica sobre os que chegaram até essa região<sup>33</sup>.

Para a Alemanha, foram enviados Frei João de Penna com quase sessenta frades ou mais. Estes, ao entrarem na região da Alemanha e desconhecendo a língua, interrogados se queriam hospedar-se, comer ou coisas do gênero, responderam iá; e assim foram benignamente recebidos por alguns. Vendo que essa palavra iá eram tratados humanamente, resolveram responder iá a qualquer coisa que perguntassem. Por isso, aconteceu que, interrogados se João de Jano, narra outro incidente ocasionado pela ignorância do idioma nativo aos freis que se encaminharam à Hungria, elevando-os a desistirem de evangelizar naquele momento e optarem por retornar a cidade de origem: eram hereges e tinham vindo para corromper a Alemanha como tinham feito na Lombardia, responderam iá, e alguns deles foram feridos, outros foram presos e alguns, despidos, foram levados nus num desfile para ser espetáculo cômico das pessoas. Quando os frades viram que não poderiam produzir fruto na Alemanha, voltaram para a Itália. Por isso, a Alemanha foi considerada pelos frades tão cruel que não ousaram voltar para lá, a não ser inspirados pelo desejo do martírio<sup>34</sup>.

Jordão de Jano, narra outro incidente ocasionado pela ignorância ao idioma nativo dos freis que se encaminharam à Hungria, elevando-os a desistirem de evangelizar naquele momento e optarem por retornar a cidade de origem:

Os frades enviados para a Hungria foram levados por mar por um bispo húngaro e, quando caminhavam espalhados pelos campos, os pastores os atacaram com cães e, em silêncio, bateram incessantemente neles com as lanças, com o outro lado da ponta. E como os frades perguntassem entre si por que estavam sendo mortos desse jeito, um disse; “Talvez queiram ter nossas túnicas superiores”. Deram-nas, mas nem assim eles desistiram das pancadas. E acrescentou: “Talvez queiram ter também nossas túnicas inferiores”. Deram-nas, mas nem assim pararam de bater. Então disse: “Talvez queiram ter também nossas calças”. Quando as deram, eles pararam

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>34</sup> KLEINE, Marina. Ver chronica Fratis Iordani. Texto disponível em formato bilíngue, latim-português, em <http://www.procasp.org.br>. p. 142. Chronica Fratis Iordani. Texto disponível em formato bilíngue, latim-português, em <<http://www.procasp.org.br>>.

de bater e os deixaram ir embora nus. Um desses frades me contou que assim tinha perdido quinze vezes as calças. Como tinha sido vencido pelo pudor e pela vergonha e se doía mais pelas calças que pelas outras roupas, sujou as calças com esterco de boi e outras imundícies e eles ficaram com nojo e deixaram que focasse com as calças. Afetados por esse e outros ultrajes, voltaram para a Itália<sup>35</sup>.

Ao ignorar os idiomas orientais, os cristãos latinos não só dificultavam a execução das tarefas evangélicas mendicante, como também o comércio e, sobretudo, as relações de diplomacia. Frei Odorico relata um incidente terrível relacionado ao desconhecimento do idioma por um confrade seu:

E, porque não conhecia a língua, fazia uma cruz com os dedos, beijava-a e erguia os seus olhos para o céu. Porque ele fazia isso, os sarracenos disseram: “Eis que mostra por sinal que não quer abandonar a sua fé”. Por isso começaram a torturá-lo com diversos tipos de tormentos, desde a manhã até o meio dia. Depois o penduraram numa árvore, onde ficou da hora nona até à tarde<sup>36</sup>.

Diferentemente dos missionários, Rita Campos afirma que fontes muçulmanas atestam contatos de comerciantes judeus no Extremo Oriente, que esses, embarcavam mercadorias no sul da China e Índia e que as distribuía em Constantinopla e no reino dos francos, sendo esses comerciantes políglotas:

Estes mercadores falavam o persa, o romano (grego e latim), o árabe, as línguas francas, espanhol e eslavo. Viajavam do Ocidente ao Oriente, e do Oriente ao Ocidente, às vezes por terra, como também por mar. Eles embarcavam para o Ocidente eunucos, escravas e escravos, seda, peles e espadas [...] <sup>37</sup>.

Freis Rubruc e Carpine, mencionam em seus escritos a necessidade de traduzir as cartas trocadas entre os ocidentais (Cúria Papal e o rei da França) e o Khan da Mongólia. Frei Carpine relata a forma como foi escrita, na corte do Khan, a carta que respondia àquela remetida pelo papa: o intérprete que integrava o grupo do frei questionou se havia alguém “junto ao senhor papa” que conhecesse a língua russa, dos sarracenos ou dos tártaros, ao que Carpine respondeu negativamente. Assim, os escrivães do Khan escreveram a carta em língua tártara e a traduziram oralmente para o grupo de Carpine, que a transcreveu em latim,

---

<sup>35</sup> KLEINE, Marina, *ibidem*. Ver *Chronica Fratris Jordani*, (nota 16). p. 143.

<sup>36</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, *op. cit.*, p. 292.

<sup>37</sup> CAMPOS, Rita de Cássia Boeira. Judeus, rotas comerciais e redes de comunicação no mundo mediterrâneo. In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da Rota da Seda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011 p. 103.

denotando a preocupação dos mongóis para se fazer entender pelos destinatários da carta. Como pode-se perceber no trecho abaixo:

Por termos escrito em latim, mandavam que lhes traduzíssemos cada oração, para ver se não cometíamos erro em alguma palavra. Escritas às duas cartas mandaram que lêssemos uma e duas vezes, para que nada nos faltasse, e nos disseram: “Tende o cuidado de entender bem tudo, pois não seria conveniente que não entendêsseis tudo, já que deveis viajar para tão remotas regiões<sup>38</sup>”.

Mesmo o povo mongol tendo em sua corte tradutores capazes de traduzir vários idiomas, como o próprio relato de frei Carpine nos dá a entender que ao se referir ao russo e ao árabe, os tradutores tinham dificuldades em relação às línguas ocidentais. No texto de Rubruc, as traduções das cartas expõem a via dupla do problema: a carta que ele levava do imperador bizantino para o líder mongol Chagatai estava redigida em grego e teve de ser levada de volta para Soldaia, pois, segundo Rubruc “com ele não havia quem conhecesse a língua grega.” Rubruc alega que não encontrou um tradutor que conhecesse o idioma grego entre os mongóis, mas deixa claro em seus escritos que estava preparado para a dificuldade de comunicação, mesmo levando em conta a possibilidade de encontrar algum tradutor, como no trecho abaixo que denota que as cartas remetidas pelo rei Luís IX da França a Sartak, que se acreditava ter-se convertido ao cristianismo<sup>39</sup>.

Entreguei-lhe [a Sartak] então vossas letras [do rei francês], com transcrições em árabe e siríaco; em Acon [São João D’Acre, na Terra Santa], eu as fizera traduzir em ambas as línguas e em seu alfabeto, pois ali estavam sacerdotes armênios, que conheciam o turco e o árabe, e aquele companheiro Davi, que conhecia o siríaco, o turco e o árabe<sup>40</sup>.

Outro fator característico das ordens mendicantes que impossibilitava a pregação em língua nativa dos infiéis é o fato de que se tratava de uma ordem constituída tanto por religiosos de formação como por leigos, “... frei Demétrio, que era frade leigo e conhecia línguas”.

Somado a falta de domínio de outras línguas, o despreparo doutrinário de uma parte dos mendicantes nas décadas iniciais da difusão da ordem despertou a atenção de alguns

---

<sup>38</sup> Ibidem, p.143.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 143-144.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 144.

missionários para a urgência de criar escolas para a formação dos religiosos, tanto no quesito teológico como no domínio dos idiomas<sup>41</sup>.

Mesmo buscando remediar o problema de comunicação, o problema ainda persiste no início do século XIV. Duras críticas foram feitas à Igreja por sua falta de atitude nessa área e por demonstrar-se despreocupada com a possível ameaça dos “infiéis” à cristandade. O maiorquino Raimundo do Lúlio, no início de sua vida espiritual, estabelece para si três propósitos de vida: dedicação a Cristo, redigir obras escritas contra os “infiéis” - realmente, Lúlio tornou-se autor de vasta obra- e por último, fazer construir mosteiros que tinham a incumbência de ensinar os idiomas dos sarracenos e dos pagãos<sup>42</sup>. Em seus textos, Lúlio refere-se à necessidade de propagar a fé cristã pela conversão dos pagãos, acreditando que para isso o domínio da língua nativa era fundamental. A mentalidade do franciscano se justifica no trecho a seguir:

Alguns fervorosos religiosos, movidos por devoção, vão algumas vezes aos países bárbaros para converter os infiéis, mas como não aprenderam a língua deles conosco, bem pouco podem fazer lá. Não temos aqui efetivamente quem os instrua bem em línguas estrangeiras – e disso tenho experiência, pois fui um desses; assim, os infiéis riem e menosprezam o que eles pregam ou dizem por que se expressam de forma muito confusa pela deficiência de sua fala. De maneira semelhante, quando disputam com os infiéis mediante intérpretes, tampouco esclarecem as coisas, porque os intérpretes não captam o sentido da fé cristã nem sabem palavras suficientes para expressar nossa fé<sup>43</sup>.

Embora fosse um problema antigo, a Igreja só vai se manifestar para solucionar oficialmente essa deficiência no Concílio de Viena (1311-1312), aceitando e reconhecendo a quão ariscado era uma pregação não compreendida:

Dentre as preocupações que cabem a nós, há uma sobre a qual refletimos constantemente: como devemos conduzir os que estão errados para o caminho da verdade e ganha-los para Deus com a ajuda de sua graça. [...] Não temos dúvida de que, para realizar nosso desejo, a palavra de Deus deva ser adequadamente explicada e pregada com grande proveito. Também não estamos alheios ao fato de que a palavra de Deus é aprendida em vão e retorna vazia quando é dirigida aos ouvidos daqueles que ignoram o idioma de quem lhes fala. Por isso, estamos seguindo o exemplo daquele que nós, ainda que indignamente, representamos na terra. Ele queria que seus apóstolos, andando pelo mundo para evangelizar tivessem conhecimento de cada língua. Desejamos honestamente que a Santa Igreja seja bem suprida de sábios católicos instruídos nas línguas mais utilizadas pelos infiéis. Esses

---

<sup>41</sup> Ibidem, p. 145.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>43</sup> KLEINE, Marina, op. cit., p. 146-147.

sábios deverão saber como conduzir os infiéis no modo de vida cristão e fazer com que eles se tornem membros do corpo cristão através da instrução na fé e do recebimento do sagrado batismo<sup>44</sup>.

O Concílio de Viena estabelece escolas de hebraico, árabe e caldeu em quatro universidades da época: Salamanca, Bolonha, Paris e Oxford, como estabelece o texto do decreto conciliar. Os estudos desses idiomas envolviam traduzir livros e a formação de mestres que pudessem passar esse conhecimento a outros, e que esses outros pudessem, “pela inspiração de Deus, produzir a colheita esperada, propagando a fé salvadora entre os povos pagãos<sup>45</sup>”.

Tal medida não era novidade, pois, o Papa Inocêncio IV, em 1248, havia criado na Universidade de Paris dez bolsas de estudo de teologia para jovens especialistas em árabe e também em outras línguas orientais, para que instruísem aqueles que falassem essas línguas.

Foi apenas no final do século XIII, que a ordem franciscana conscientiza-se da tomada de providências pela cúria romana, iniciando um movimento mais direto e para longo prazo, como foi o trabalho do frei Montecorvino em terras chinesas. Montecorvino escreve como contornou a dificuldade de comunicação em uma carta, escrita no ano de 1305:

Comprei sucessivamente quarenta crianças, filhas de pagãos, entre 7 e 11 anos de idade, que não conheciam nenhuma lei; batizei-os, instruí-os sobre a língua latina e sobre o nosso rito, escrevi para eles os saltério com trinta hinos e dois breviários, e 11 desses meninos já sabem nosso ofício. Aprendi competentemente a língua e a escrita tártara, que é a língua usual dos tártaros. Já traduzi para aquela língua e escrita todo o Novo Testamento e o Saltério, que mandei escrever na belíssima escrita deles<sup>46</sup>.

Já Rubruc visita à corte central dos mongóis em Karakorum e não lhe é permitido permanecer no território para realizar o trabalho de evangelização, desencorajando novos religiosos a se fixarem na região. Alegando:

“Não me parece conveniente que algum frade vá de novo aos tártaros, como fui eu ou como vão os Pregadores. Mas, se o Papa, cabeça de todos os cristãos, quisesse enviar com honras um bispo, [...] ele poderia dizer o que quisesse e também fazer que respondam por escrito, pois ouvem tudo que o embaixador quer dizer e sempre perguntam se quer falar mais coisas. No

---

<sup>44</sup> Ibidem, p. 147.

<sup>45</sup> Decretos do Concílio de Viena (1311-1312). Disponível em: <<http://www.geocities.com/Heartland/Valley/8920/churchcouncils/Ecum15.htm#DECREEES>>.

<sup>46</sup> KLEINE, Marin, op. cit., p. 148.



entanto, seria necessário que tivesse um bom intérprete, e até vários intérpretes, e copiosos suprimentos<sup>47</sup>.

Montecorvino solicita em carta que enviem mais frades para China, que ajudassem a desempenhar melhor a tarefa de salvar os pagãos. Odorico de Pordenone, que pode ter visitado a China com essa intenção, todavia, seu relato não confirme nenhuma informação a esse respeito, é bem possível que tenha desenvolvido ali trabalho significativo, já que viveu por dezesseis anos em terras chinesas. Pordenone não menciona em seu texto as possíveis dificuldades de comunicação e ao seu próprio nível de conhecimento de línguas orientais, bem como a sua atividade missionária<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup>CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 259-261.

<sup>48</sup>KLEINE, Marina, op. cit., p.148-149.

## Capítulo II

### O Contexto Histórico Medieval encontrado pelo viajante frei Odorico

#### 2.1 A expansão do Nestorianismo pela Rota da Seda

Iniciaremos este capítulo discutindo o contexto histórico medieval de frei Odorico com a difusão do Nestorianismo pela Rota da Seda. Sílvia Simões acredita que mapear a disseminação do nestorianismo pela rota permitirá nossa compreensão de como uma religião ou visão do mundo, que se diferencia do que é dogma em um lugar, pode afetar o mundo material com propostas e opiniões tidas como heresias. Abordando as complexas relações entre religião e poder, afirmando determinada crença em detrimento de outra.

Odorico tem pleno conhecimento da presença de cristãos nestorianos em sua viagem à Ásia Central e cita que ele e frades menores mantiveram contatos com eles em certas ocasiões. Para Pordenone, os nestorianos além de hereges eram cismáticos, pois, deixaram de reconhecer a autoridade do Papa, como podemos perceber nos trechos:

Quando os mencionados frades menores estavam em Hornuz, foram acomodados numa nave para irem a Polubum. Tendo embarcado, contra a sua vontade, foram levados para Tana. Nesta cidade, encontraram 15 casas de nestorianos, isto é, cristãos cismáticos e hereges. Estando ali, procuraram uma hospedaria e foram hospedados na casa de um deles<sup>49</sup>.

Atravessando o rio Talay, passei por muitas cidades e cheguei a uma que se chama Iamsai, onde há um convento de nossos frades menores. Nela, também há três igrejas dos nestorianos. Esta cidade é nobre e grande [...] Nesta cidade, existem todas as coisas das quais vivem os cristãos, e existem em grande quantidade<sup>50</sup>.

A distinção entre as duas naturezas de Cristo é o ponto de partida da heresia diofisista, ou nestoriana. O Nestorianismo surge na Antioquia com Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuestria, permanecendo restrita por algum tempo aos meios eruditos. É através de Nestório, patriarca de Constantinopla (428-431), que o nestorianismo ganha notoriedade, defendendo arduamente que as naturezas divina e humana encontravam-se separadas em Cristo, e que Maria não deveria ser considerada mãe de Deus, pois entendia que Maria havia dado à luz a um homem, a quem o verbo de Deus uniu temporariamente:

---

<sup>49</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 290.

<sup>50</sup> Ibidem: p. 320.

Nestório teria partido dos conceitos de “imutabilidade de Deus e da objetividade da natureza e da pessoa”. A imutabilidade de Deus tornava impossível a união substancial, união real entre as duas naturezas, a divina e a humana [...]. Onde há natureza, há pessoa. Logo, existem em Cristo duas naturezas e duas pessoas. Existem, portanto, duas filiações: uma natural, humana, contingente, nascida de Maria; outra divina, sobrenatural, gerada por Deus<sup>51</sup>.

As ideias heréticas nestorianas foram banidas pelo Estado bizantino ortodoxo no século V, tais ideias migraram da região do Egeu e do Oriente Médio, onde nasceram, em direção à Mesopotâmia e a Pérsia, depois, seguindo para a Índia e China, atravessando a estepes da Ásia Central, constituindo-se em igreja cristã independente em relação a Igreja Católica do Ocidente.

Para os bizantinos, religião e política deviam andar juntas, sendo o *basileus* a manifestação da divindade e o prolongamento de Deus na terra, caracterizando Bizâncio com Estado Teocrático<sup>52</sup>.

Império constituído por gregos, egípcios, latinos, sírios e eslavos onde as controvérsias sobre religião sempre eram políticas e sociais, portanto, cabia ao *basileus* esforçar-se para recuperar sem descanso os que se perderam e obedecer aos sete concílios ecumênicos, as divergências sobre religião eram uma parte fundamental dos concílios. Constantinopla aos poucos vai suplantando as três rivais de Alexandria, Antioquia e Jerusalém, assim, rivalizando com Roma pela liderança do mundo cristão.

Sílvia salienta que a heresia era crime contra o Estado, passando a ser punido pelos tribunais seculares, causando séria implicação política. Os dogmas nestorianos vão de encontro aos estabelecidos pela Igreja, afrontando a figura do imperador, sendo ele o responsável em manter as leis fixadas nos concílios.

O imperador tinha como obrigação preservar a doutrina dos sete concílios ecumênicos, que foram: o Concílio de Niceia I (325), encarregado de combater o Arianismo e estabelecer o dogma da religião cristã; o de Constantinopla I (381) reafirmou o de Niceia como base da crença cristã e a posição da Igreja sobre a Santíssima Trindade; o de Éfeso (431), ter Cristo duas naturezas diferentes, mas unidas e a uma só pessoa, condenando o Nestorianismo; o de Calcedônia (451), que aprovou os de Niceia e Constantinopla I, condenando o Monofisismo, e

---

<sup>51</sup> SIMÕES, Sílvia Sônia. “Bizâncio, Pérsia e Ásia Central, polos de difusão do nestorianismo”. In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da Rota da Seda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. Ver a obra *Documentos dos primeiros oito concílios ecumênicos, edição da EDIPUCRS (2000)*. p. 117.

<sup>52</sup> Idem, p. 117- 118.

que o patriarcado de Constantinopla passasse a ser a segunda sé mais importante do império, subordinando-se apenas a Roma; o concílio de Constantinopla II (553) reafirmou o Concílio de Éfeso, esse rejeitou a posição dos nestorianos com a condenação dos “Três Capítulos”, o de Constantinopla III (680-81), condenou os monotelistas, e o Concílio de Niceia II (787), estabeleceu os ícones, tentando por fim à controvérsia iconoclasta<sup>53</sup>.

Todos aqueles que não professassem a fé “verdadeira” eram hereges, ou seja, o credo que foi fixado no Concílio de Niceia, portanto, tidos como “infieis”. Ao constituir suas leis a Igreja inverte os papéis: de perseguidos, os cristãos passam a perseguidores.

No Império do Oriente, medidas severas impediam os hereges de emitirem opiniões divergentes. Teodósio I eleva o cristianismo à religião oficial do Estado, em 380 um edito fixa uma linha entre a ortodoxia e a heresia.

No ano de 430, Cirilo de Alexandria, inimigo declarado de Nestório, obriga o imperador Teodósio II a convocar um concílio para discutir a natureza de Cristo. Sem a presença da parte oriental do clero cristão do império, ficou fácil condenar as ideias nestorianas, resultando que as naturezas de Cristo estavam unidas na pessoa dele. Nestório foi considerado herege e destituído do cargo, mandado para um mosteiro e suas obras destruídas. Na memória nestoriana desse evento, o patriarca é tido como sábio, sereno, vítima de blasfêmia e da má vontade de Pulquéria, devota do culto de Maria e influente irmã do *basileus*<sup>54</sup>.

Tanta complexidade gerava debates e polêmicas cristológicas no mundo bizantino, divergir significava ser perseguido pelo Estado, o poder constituído não poderia ser ameaçados pelas muitas interpretações da crença cristã: o Império Romano Oriental necessitava de uma crença forte e uniforme, fundada na lei e na justiça, legitimada pelo povo na medida em que via no *basileus* a figura do guardião da verdadeira religião. As heresias devem ser entendidas em um contexto de conflitos de doutrinas, ideológicos e políticos. Mesmo sobre condenações e perseguições sofridas na origem, as ideias diofisistas do nestorianismo sobreviveram, inicialmente na Síria, depois, Mesopotâmia e Pérsia, daí seguindo para lugares distantes, como a Índia, Ásia Central e China<sup>55</sup>.

O conhecimento greco-romano, conhecido no Oriente, chega ao Ocidente através das traduções de textos árabes, vale ressaltar que, o Ocidente é devedor da cultura oriental. Em certa medida o Renascimento do século XII e mesmo o Renascimento do século XV tenham

---

<sup>53</sup> SIMÕES, Sílvia Sônia, *Ibidem*, p. 117.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p.119.

<sup>55</sup> *Idem*, p. 120-121.

sido tributários dessas traduções. Todavia, o fato ignorado é que os hereges, entre eles os nestorianos, foram os tradutores dos escritos gregos, transmitindo esses textos aos persas e depois aos muçulmanos cópias na língua siríaca. Na Síria e na Pérsia sassânida a cultura clássica precedeu ao islamismo, deslocadas de sua origem (Antioquia) graças à pressão político-religiosa bizantina, foi em Bizâncio que os nestorianos iniciaram estudos das obras de Aristóteles.

Sílvia Simões afirma que o cristianismo encontrado na Pérsia, disputava espaço com outras religiões orientais, como o Masdeísmo, o Mitraísmo e o Maniqueísmo<sup>56</sup>. A cidade de Edessa irradiava a evangelização crista na Mesopotâmia, seguindo os ritos obedecidos no mundo bizantino. Com a morte do imperador Constantino no ano 337, os persas sassânidas atacaram as possessões orientais bizantinas. Perseguidos, cristãos persas deslocam-se para outras regiões, como Malabar e Ceilão, pois havia comunidades cristãs na Índia desde o início do cristianismo<sup>57</sup>.

As comunidades cristãs persas, espalhadas pelas rotas comerciais, permitiam aos nestorianos orientais, unir às atividades missionárias as atividades comerciais, pois para os nestorianos o mundo material e o mundo espiritual andavam juntos<sup>58</sup>.

Segundo a autora, os mosteiros nestorianos desempenharam papel importante na atividade missionária, pois, funcionavam como seminários que divulgavam a fé do “povo do livro”. Pelo mundo persa a doutrina nestoriana acompanhou as caravanas que viajavam pelas planícies e montanhas da Ásia Central desde o período sassânida, sendo muitos dos seus adeptos monges-mercadores.

Seguindo os caminhos da Rota da Seda, atingiram a China antes até da implantação do Islã no Oriente Médio, através de uma campanha evangelizadora em 636. Fontes chinesas contam sobre a chegada de mais de três mil missionários estrangeiros, sendo a maior parte sírios e da Ásia Menor. Fontes datadas em 781 especificam pontos fundamentais da doutrina cristã e a narração de como os nestorianos ali se fixaram, comprovando a introdução do Cristianismo na China muitos séculos antes até das invasões mongóis e da chegada dos

---

<sup>56</sup> Masdeísmo, crença também conhecida como Zoroastrismo, difundida na antiga Pérsia por Zaratrasta, ou Zoroastro, cujos fundamentos encontram-se no *Avesta*, e que se baseia fundamentalmente na ideia de que o mundo seria regido por dois princípios absolutos: o bem e o mal.

Mitraísmo: culto solar difundido dentro e fora da Pérsia entre os séculos II a.C. e III d.C., concorrente ao cristianismo dentro do mundo romano.

Maniqueísmo: crença religiosa difundida a partir da Pérsia, no século III, pelo profeta Mani, combinando elementos do masdeísmo, gnosticismo e cristianismo. *Ibidem*, p. 120.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 126.

primeiros missionários latinos. Tudo indica que esse avanço foi só interrompido na China em meados do século IX.

A evangelização nestoriana durou na China até o edito de proscrição de 845; secularizaram-se na leitura dois mil religiosos nestorianos e zoroastristas [...]. Por volta de 980, um enviado dos católicos<sup>59</sup>, encarregados de colocar em ordem os assuntos da China, volta a Bagdá o mais depressa possível, declarando que já não existia na China um único cristão e também já não existia qualquer igreja. Não voltaremos a ver cristãos na China antes da chegada dos conquistadores mongóis<sup>60</sup>.

Segundo André Bueno, é obvio que neste processo, nem todos os movimentos religiosos se espalharam desse mesmo modo, o Cristianismo percorre a Rota da Seda tanto como vítima de perseguição, fosse por parte dos romanos pagãos, ou, como mais tarde, por parte da igreja cristã – que depois de sua formação no século quatro, começa a perseguir os heréticos”. Os encontros entre cristãos orientais com bizantinos e latinos marcou profundamente a história da trajetória dos cristãos nestorianos. De perseguidos em Bizâncio a bem-sucedidos na Pérsia, os nestorianos ganharam destaque nos contatos espirituais e culturais entre Oriente e Ocidente, participando, inclusive, da história do Islã, dos povos das estepes e da China. Construindo a própria identidade, comprovaram que as rotas da Ásia Central não eram apenas uma via de povos e mercadorias, mas um caminho de valores, crenças e ideias, lugar de trocas e contatos humanos, como formador das histórias dos povos que ali se deslocaram, para ser impulsionada pela iniciativa missionária que era tão pouco conhecida na época<sup>61</sup>.

## 2.2 Viajantes Medievais se aventuram no Oriente

Odorico escreve em um contexto pós Cruzadas, de intensificação do comércio entre Europa e Ásia e, conseqüentemente, de contatos culturais. O *Relatio* de Odorico de Pordenone é o resultado do financiamento católico em interesse da própria Igreja Católica, do Papa e da elite aristocrática. Seus intentos, além de trazer preciosas informações sobre o possível

---

<sup>59</sup> Trata-se, muito provavelmente de um erro de tradução, pois os “católicos” apenas entrariam na China no fim de século XIII. A palavra *catholicos* esclarece perfeitamente o significado da passagem. *Ibidem*, p. 129.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>61</sup> BUENO, André. **Arte e Religião na Rota da Seda**. As transformações na Iconografia Budista, **Transoxiana**, 12, Agosto 2007. p. 01.

comércio entre as duas regiões, proporcionaria ao autor, a desejada salvação da alma católica ao paraíso e a aproximação da Igreja Ocidental.

Entre os séculos XII-XIII, os europeus do ocidente passaram por movimentos de expansão do mundo que conheciam pela abertura dos caminhos que levavam a Ásia e a atenção ocidental foi direcionada ao Oriente, conduzidos principalmente pelas cruzadas. Tais fatores provocaram o deslocamento de grande número de viajante em direção a Terra Santa e aos lugares sagrados, estreitando o contato entre católicos ocidentais e cismáticos. Com as conquistas desses lugares santos as fronteiras foram ficando mais largas, como os mongóis, que vinham em processo de plena expansão de seu império, aproximando e avizinando cada vez mais das fronteiras ocidentais.

Para Kleine, o estreitamento do contato entre cristãos do Ocidente com os povos asiáticos deu-se pelo deslocamento desses em direção a leste, mas, principalmente, pela expansão do Império Mongol, cujos impactos na Europa teve diferentes significados. No primeiro instante, as notícias de ataques mongóis na Rússia e a outros reinos a leste na Europa e também na Pérsia, o que representou sentimentos de esperança a cristãos ocidentais, cuja crença arremetia aos exércitos de Preste João e por seu filho, rei Davi<sup>62</sup>.

Para Lemos, o mito de Preste João remonta ao século XII na Europa e que sua base histórica pode estar relacionada à difusão do nestorianismo na Ásia. Em 1137, tribos uigures simpatizantes do nestorianismo combateram o sultão turco da Persa, afligindo-lhe séria derrota, o fato repercutiu entre os cruzados, inclusive no ocidente, onde se acreditava que um rei vindo do Oriente teria vencido os persas. Esse rei seria descendente dos reis magos, originário da Terra Santa, chamado Prestes João. O nestorianismo que já havia sido difundido entre os povos mongóis, explicaria a identificação dos povos das estepes com os guerreiros cristãos de Preste João<sup>63</sup>.

Carmem Palazzo avalia o período, conhecido por nós, como das “grandes navegações” como sendo um marco das viagens intercontinentais não se compara ao que aconteceu na Europa em termos de deslocamento populacional. Durante a Idade Média, as Colunas de Hércules, a oeste, demarcavam o limite além do qual se encontraria todo terror lendário. Já para leste, foram muitos os que se aventuraram aos lugares novos e estranhos. Esses viajantes deixavam para trás as próprias famílias e inclusive, a segurança em troca de lucro, de almas para a conversão, de conhecerem os lugares santos, mas também, do fantástico, do

---

<sup>62</sup>KLEINE, Marin, op. cit., p. 135-136.

<sup>63</sup>LE MOS, Alexandre Piana. Kublai Khan e o Império Mongol em *O livro das maravilhas*, de Marco Polo (1298). In: MACEDO, J.R, op. cit., p. 162.

maravilhoso, tudo que a imaginação europeia acreditava existir no oriente. O maravilhoso também está presente no relato de frei Odorico, que ouviu a seguinte história:

Além disso, pode-se contar outra grande maravilha, que não vi, mas ouvi de pessoas fidedignas. Dizem que Cadelis é um grande reino, onde há montes chamados montes Capei. Ali, segundo dizem, nascem frutas muito grandes, que, quando estão maduras, se abrem e contêm dentro um animalzinho, semelhante a um pequeno cordeiro. Assim, eles têm as frutas e as carnes que lá estão. E, embora isso talvez pareça incrível, pode, todavia, se verdade, como é verdade que, na Irlanda, há árvores que produzem aves<sup>64</sup>.

Os países mediterrâneos vivenciaram cedo o encontro de culturas, muitas vezes, violentos, mas ricas nas trocas de mercadorias, ideias, costumes, o que nos faz pensar na desmitificação, em parte, da visão de uma Europa medieval fechada em si mesma e que só abriria os horizontes a partir do encontro com as terras americanas<sup>65</sup>.

Longos ou pequenos, os deslocamentos eram frequentes no interior da própria Europa. Como podemos perceber no trecho abaixo:

Viajar não se constitui, portanto, em uma anomalia na Idade Média. E se o sedentarismo é a regra para muitos camponeses, várias pessoas caminham sem parar por montes e por vales... Todos os heróis de Chrétien de Troyes estão em movimento, pois a viagem lhes traz aventuras, logo, renome. Não partir significa recusar-se a assumir as suas responsabilidades, a ter o seu papel na sociedade, enfim falhar no plano da moral. Em última análise, a rota semeada de provações leva a Deus. Este é sentido da busca do Santo Graal<sup>66</sup>.

Foi durante o século XIII que os viajantes mais longe se aventuraram em direção do Extremo Oriente, bem antes das expedições de Colombo e Cabral, acontecimentos esses muito valorizados pelos estudiosos enquanto busca de novos horizontes. Tantos viajantes deixaram relatos importantes das viagens que empreenderam que hoje, constituem fontes valiosas para entendermos a construção do Oriente no imaginário europeu, para desvendar os modos de ser e de pensar daqueles que os sucederam e que partiram motivados pelas descrições que pintavam um Oriente fantástico, mas tangível. Tanto Colombo, quanto Vasco

---

<sup>64</sup> Trata-se da antiga lenda chinesa, segundo a qual as ovelhas que produziam a fibra do algodão nasciam do fruto de uma árvore, Ibidem, p. 328.

<sup>65</sup> PALAZZO, Carmem Lícia. Os Missionários Franciscanos e o Problema da Comunicação com os “Infiéis”. In: MACEDO, J.R, op. cit., p. 55.

<sup>66</sup> VERDON, Jean. **Voyagerau Moyer Âge**. Paris: Perrin, 1998. p. 20-21. Todas as citações – diretas ou indiretas- extraídas de obras publicadas em língua estrangeira foram por mim traduzidas (tradução livre). p. 55.



da Gama eram leitores de Marco Polo<sup>67</sup>, cujo manuscrito teve enorme repercussão na Europa. Marco Polo foi o primeiro mercador a relatar suas aventuras, fazendo do Oriente uma realidade acessível e confirmando a existência de riquezas fabulosas. Frei Odorico parece concordar, pois escreve:

Partindo desta região, dirigi-me a Tauris, uma cidade grande e real, que antigamente se chamava Susa. Esta Susa foi a cidade do Rei Assuero. Nela, segundo se diz, há uma árvore seca numa mesquita, isto é, numa igreja dos sarracenos. Para o comércio, esta é a melhor cidade que há no mundo. Com efeito, hoje não existe nada no mundo que seja comestível ou de algum comércio que ali não se encontre em grande quantidade. Ela está bem construída e situada. É uma cidade tão nobre, que quase não se pode acreditar no que ali existe. Pois quase todo mundo acorre àquela cidade para mercadejar<sup>68</sup>.

Palazzo acredita que os relatos dos viajantes são fontes essenciais para entendermos as várias visões dos europeus em relação ao Oriente, essas visões balizaram os projetos que tinham a finalidade de chegar às Índias. Esses homens medievais foram os percussores das grandes epopeias marítimas do Renascimento. Alcançaram a Ásia com interesses diversos, entre eles o comércio e as atividades missionárias, mantendo vários níveis de contato.

Entretanto, os europeus construíram imagens do Oriente não só baseada nas origens dos relatos das experiências dos contatos diretos dos viajantes, o comércio exerceu função importante no relacionamento do Oriente com o Ocidente, associado ao luxo e a extravagância. Marco Polo parte de Veneza em busca das ricas terras do Grande Khan, acreditando alcançar ótimas vantagens comerciais, pois, sabia que no leste encontraria as mercadorias mais apreciadas pelos seus abastados clientes europeus. Tal comércio já vinha se desenvolvendo há séculos, percorrendo longos percursos nas mãos de muitos mercadores, por

---

<sup>67</sup> Segundo os autores Marco Polo nasceu na segunda metade de século XIII em Veneza, em uma família de comerciantes. Sua viagem ao Extremo Oriente deu-se em função de uma embaixada realizada por ele, seu pai Niccolò e o Maffeo, a serviço de Kublai Khan. Chegou à China se deu em 1275; e ali, ele foi introduzido nas sutilezas da burocracia sino-mongol. Permanecendo no importante cargo de embaixador por dezesseis anos. Sua função diplomática exigia o recolhimento de informações provenientes de diversos territórios do império, o que lhe rendeu um vasto conhecimento dos povos orientais. Quando retornou ao Ocidente, em 1295, envolveu-se em uma guerra entre venezianos e genoveses, e acabou preso. Foi no cárcere que procedeu a narrativa de suas viagens a Rusticiano de Pisa, que colocou por escrito o relato de *O livro das maravilhas*. CICHELERO, Paulo Irineu; BALBINOT, Caio Luciano; BASEGGIO, Caroline Acco. In: MACEDO, J.R, op. cit., p. 172.

<sup>68</sup> As árvores secas são uma tradição bíblica e pós-bíblica: a árvore do bem e do mal, que secou após a morte de Cristo, a figueira amaldiçoada por Jesus, da qual fala o evangelho (Mt 21, 18-22), as árvores do sole da lua do *Romance de Alexandre* e numerosas árvores associadas a mitos de fecundação e de palingenesia, encontrados na cultura Oriental. Aos poucos, a árvore seca se tornou um dos eixos da geografia mental do homem medieval e, assim, entrou no imaginário coletivo do Ocidente. É provável que a árvore vista por Odorico fosse uma árvore venerada pelas populações indígenas de fé islâmica. CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 285.

inúmeras caravanas que se deslocavam pelas vastas regiões da China até chegar ao Mediterrâneo<sup>69</sup>.

O sinólogo André Bueno vai mais longe e afirma que, a profusão de culturas e pensares na Rota da Seda ensejaram processos únicos e de extrema riqueza de miscigenação religiosa, artística e intelectual. Bueno, ainda completa:

No longo período que cobre o antigo século 2 AEC (quando os chineses começam a estruturar administrativamente o funcionamento da rota) até o período do fim do “mundo clássico” chinês (com a queda da dinastia Tang no século 10 EC), uma multiplicidade de crenças, textos e representações imagéticas surgem, mesclam-se e difundem-se em vários espaços cobertos pelo setor “oriental” (Ásia Central, China e adjacências) da rota<sup>70</sup>.

Para os autores Paulo Cichelero, Caio Balbinot e Caroline Baseggio, Ocidente e Extremo Oriente mesmo mantendo alguns contatos desde os primeiros séculos da era cristã, mantinham-se separados e distantes, espacial e culturalmente, essa distancia era enorme e prevaleciam entre esses dois mundos o mútuo desconhecimento, mas, certa curiosidade, o que aguçava a imaginação. Conforme as poucas informações que chegavam eram incompletas, o que dava margem para o “preenchimento imaginativo” nas lacunas do conhecimento: instigando-se o “maravilhar-se”.

Na visão desses autores, o conhecimento objetivo sobre a Ásia era tão frágil, que a Europa Medieval acreditou, por longo tempo, que houvesse duas Chinas – uma distinção infundada entre o país acessível pelo mar (Sina) e outro por terra (Serica)<sup>71</sup>. Os comerciantes acreditavam que fossem regiões distintas que não se relacionavam. Bestiários, coleções de maravilhas e enciclopédias limitavam-se a satisfazer a realidade europeias para preencher o vazio de conhecimento com elementos maravilhosos<sup>72</sup>.

É importante para este trabalho que se aborde outro tema que também fazia parte no contexto cultural medieval em que vivia Odorico, este tema está relacionado às ideias proféticas e apocalípticas. Alexandre Lemos, em seu texto “*Kublai Khan e o Império Mongol em O livro das maravilhas, de Marco Polo (1298<sup>73</sup>)*”, esclarece melhor o assunto. O autor acredita que nesse momento crítico do medievo, os ocidentais mudam sua visão a respeito dos

---

<sup>69</sup> PALAZZO, Carmem Lícia, op. cit., p. 55-56.

<sup>70</sup> BUENO, André. **Arte e Religião na Rota da Seda**. As transformações na Iconografia Budista, **Transoxiana**, 12, Agosto 2007. p. 01.

<sup>71</sup> CICHELERO, Paulo Irineu; BALBINOT, Caio Luciano; BASEGGIO, Caroline Acco. In: MACEDO, J.R, op. cit., p.162.

<sup>72</sup> Idem, p. 172.

<sup>73</sup> LEMOS, Alexandre Piana. Kublai Khan e o Império Mongol em *O livro das maravilhas, de Marco Polo (1298)*. In: MACEDO, J.R. op. cit., p. 156.

mongóis, de aliados em potencial, tornam-se um perigo iminente. Pois, começa a circular pela Europa um tratado de caráter profético-apocalíptico bem conhecido pelos ocidentais, escrito no século VII e atribuído a um bispo chamado Metódio de Patara. As *Revelações de Pseudo-Metódio*, que relacionava o fim do mundo ao surgimento de povos bárbaros do Gog e do Magog<sup>74</sup>, essas tribos bestiais teriam sido aprisionadas nos confins da terra. Lemos discorre que foi a difusão desses escritos que, durante o século XIII, os povos mongóis foram relacionados a povos ferozes, cujo avanço sobre os cristãos anunciam a vinda do Anticristo.

O medo de ataques motivou os europeus a buscar conhecer quem eram os agressores. E entre 1245 e 1255, frades dominicanos (André de Longjumeau, Ascelino de Cremona e Simão de Saint-Quentin) e os frades franciscanos (João de Pian Del Carpine, Benedito da Polônia e Guilherme de Rubruc) partem em direção as planícies asiáticas, com a missão de conhecer os costumes e a organização político-econômica e, principalmente, como se organizavam militarmente<sup>75</sup>. Há uma passagem em que frei Odorico demonstra admiração pela organização do exército com o qual viajava o Khan:

No verão, porém, o senhor mora numa terra chamada Sandu, situada sobre a tramontana e é a mais fria habitação que hoje existe no mundo. No inverno, porém, ele fica em Cambalich e, quando quer cavalgar de uma terra para outra, o faz dessa maneira: ele tem quatro exércitos de cavaleiros. Um exército o precede um dia de viagem, o segundo o segue outro dia, da mesma maneira o terceiro e o quarto, de forma que ele vai sempre no meio, em forma de cruz. Quando viajam assim, todos têm seus dias de viagem organizados. Assim, encontram tudo que lhes é necessário para comer<sup>76</sup>.

Nos trechos abaixo, Odorico fala de alguns costumes e pequenos detalhes percebidos em visita a uma província na Índia:

Partindo desta província, cheguei a um grande reino chamado Tibot, que esta na fronteira da Índia. Todo este reino está sujeito ao Grão Cã [...]. As pessoas dessa região moram em tendas feitas de feltro preto. Toda a sua cidade real e principal é feita de muros brancos e pretos, e todas as suas estradas são calçadas de pedras. Nesta cidade, ninguém ousa derramar o sangue de um homem ou animal; e isso por reverência a um ídolo que ali é venerado e adorado.

---

<sup>74</sup> O mito está relacionado, em sua origem, com a muralha de Alexandre, situada nos limites da região Bactriana, que constituía o ponto de entrada dos territórios dominados pelos nômades das estepes. Também era difundido na tradição islâmica, *Ibidem*, p. 156.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 156

<sup>76</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, *op. cit.*, p. 323.

Neste reino, há o costume de as mulheres usarem mais de cem tranças, tendo na boca dois dentes tão longos como os tem o javali.

Nesta região, existe ainda outro costume: suponhamos que morre o pai de alguém. Então o filho diz: “quero honrar meu pai”. Por isso, reunirá todos os sacerdotes e religiosos e todos os histriões da região, como também os vizinhos e os parentes, que o levam para o campo com grande alegria [...] <sup>77</sup>.

O medo impulsionou os europeus a buscarem o inimigo e os religiosos se mostraram dispostos e destemidos a seguirem em direção ao poente na incumbência de conhecer os estranhos agressores.

### **2.3 Comercializar é preciso**

Para este capítulo tenho a intenção de discutir a necessidade dos europeus de buscar novas rotas de comércio, bem como novos produtos orientais que geraram grandes interesses financeiros aos europeus. Juntamente a esse contexto de novas rotas de comércio que Frei Odorico de Pordenone traz para seu olhar a percepção cristã medieval do outro. Odorico vê o outro através da percepção cristã medieval ocidental ou da cristandade latina, influenciando na construção da alteridade Europeia em relação ao oriente.

Além do comércio de mercadorias, junto às especiarias da China e Índia, vinham os conhecimentos, novas técnicas, ciências, línguas, costumes e religiões. Odorico percebe essa gama de mercados e oportunidades de negócios, que aqueles povos também seriam bons artesãos e comerciantes. O comércio despertava no missionário grande interesse e as habilidades dos artesãos seriam muito úteis para às necessidades de consumo dos europeus, como podemos notar neste trecho:

[...] Naquela região a multidão é tão grande que, entre nós, isso pareceria quase incrível. Ali, há grande quantidade de pão, vinho, carnes, peixes, arroz e de todos os alimentos que os homens usam no mundo. Todos os homens desta província são artesãos e mercadores e, apesar da pobreza que tem desde que consigam ajudar-se com as mãos, jamais sofreriam qualquer necessidade [...] <sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 330.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 312.

Sobre os impactos desses novos conhecimentos em terras ocidentais, acredito que as trocas culturais foram comuns aos dois “mundos” e que esses contatos foram perceptíveis no medievo e que ainda são perceptíveis nos dias de hoje.

Se comercializar é preciso, penso que esse tenha sido um dos maiores impulsionador das viagens intercontinentais, logo, os países do Mediterrâneo, como já foi dito, ansiaram pela experiência do encontro com novas culturas, que em muitos casos, resultaram em choques violentos, mas, extremamente lucrativo no comércio de mercadorias, novas técnicas, línguas, ciências, ideias e costumes. Esse contexto lembra e nos faz pensar em uma desmitificação, mesmo que em parte, da visão de uma Europa medieval fechada em si mesma e que só se modificaria e se abriria no encontro com as terras do Novo Mundo. O comércio exerceu papel importantíssimo no complicado relacionamento do Ocidente com o Oriente, baseado na busca por produtos lucrativos, extravagantes e luxuosos, que percorriam longos percursos de varias regiões da China até desembocar no Mediterrâneo. Esse comércio visava satisfazer os caprichos de ricos consumidores europeus.

Esta cidade tem tantas embarcações e tão grandes, que a algumas parece incrível, e toda a Itália não tem embarcações assim nem tão grandes como as tem só esta cidade. [...] Nela existem também os maiores e mais belos gansos e o melhor mercado deles que hoje existe no mundo<sup>79</sup>.

Podemos entender e discutir os processos comerciais entre europeus e orientais observando a expansão do império mongol que dominou a Ásia sobre as ordens de um mesmo senhor, como veremos no próximo capítulo.

## **2.4 Discutindo o comércio entre Oriente e Ocidente**

Segundo Alexandre Lemos, o século XIII tem início com o deslocamento de hordas de nômades vindos das planícies asiáticas para dominar de chofre o mundo. Liderados por Gengis Khan (1155-1162 ou 1167-1227), e depois, por seus descendentes. Os mongóis ergueram um vasto império que dominou a Ásia, da China à Pérsia, chegando ao leste da Europa e derrubando, com sua expansão, o forte califado de Bagdá. A Eurásia, sobre um mesmo senhor, torna-se um território estável e de prosperidade para as relações comerciais. As vias de acesso à China, que estavam bloqueadas desde o início da dinastia Song (960-

---

<sup>79</sup> Ibidem, p. 313.

1275), foram reabertas no período conhecido como o da *pax mongólica*. A paz mongólica proporcionou a pacificação da Ásia Central, retomando o fluxo das caravanas pelo imenso império, situação esta que foi altamente favorável ao comércio. Essa fase de favorecimento ao comércio não passou despercebida aos olhos perspicazes de Odorico, tanto que demonstra em seu escrito como era interessante o comércio em uma cidade do Oriente, perceba:

E por volta de 1270, Marco Polo inicia suas viagens pelo Oriente, em direção ao norte da China. Acompanhado do pai e do tio, importantes comerciantes venezianos. Nesse momento, Veneza era uma grande potencia comercial. Com a expansão de seus negócios, abrem um entreposto de comercio em Constantinopla. Nesse ponto, entram em contato direto com os povos asiáticos, com os quais mercadejam seda e couro. Polo, com apenas quinze anos, percorreu todo continente asiático e acabou fixando-se na China, viajando pelo vasto império mongol conhecendo os povos a ele integrados: turcos, persas, tibetanos, árabes, russos, húngaros e armênios<sup>80</sup>.

O relato de viagem de Marco Polo é o relato de suas aventuras, onde Polo procura apresentar ao Ocidente um mundo até então desconhecido. Os costumes dos asiáticos, a geografia de regiões da Ásia Central, bem como, os principais pontos de comércio. Tudo importa ao jovem comerciante, e seu relato torna-se uma espécie de guia aos europeus, ao qual se utilizariam muitos exploradores da era moderna, como o navegador Cristóvão Colombo. Polo tem como objetivo mostrar o quão incrível era esse novo mundo que se descortinava, quem eram os mongóis, o quão grande era o império de Kublai Khan. Marco escreve em seu livro das maravilhas:

E todos que o lerem e entenderem devem crer nele, pois as coisas que conta correspondem à verdade; e eu os certifico de que, desde que Deus Nosso Senhor modelou Adão e Eva com sua mãos até hoje em dia não houve cristão, nem sarraceno, nem pagão, nem tártaro, nem indiano, nem homem algum de geração alguma, que tanto tivesse visto, investigado e sabido das maravilhas e diversidades do mundo como o mencionado Marco Polo viu, investigado e soube [...]<sup>81</sup>

As diversidades, grandes riquezas e maravilhas encontradas por Marco Polo naquele mundo novo também despertam o interesse e “encheram” os olhos de Frei Odorico, talvez, até imagina-se como tantas riquezas poderiam movimentar e incrementar a economia da Europa, Odorico não deixou de descrever tais maravilhas:

---

<sup>80</sup> LEMOS, Alexandre Piana, op. cit., p. 153.

<sup>81</sup> Idem, p. 154.

Neste reino, há também um ídolo muito admirável, que todas as regiões da Índia reverenciam bastante. Ele é tão grande quanto comumente São Cristóvão é pintado pelos pintores, é todo de ouro puro, colocado sobre uma grande cadeira, também de ouro, e tem ao pescoço um cordão de pedras preciosas. Este cordão tem um preço muito grande. As pessoas vêm de longe para adorar este ídolo, como os cristãos acorrem a São Pedro<sup>82</sup>.

Junto à igreja deste ídolo, há um lago feito à mão, ao qual os peregrinos se aproximam e no qual jogam ouro, prata ou outras pedras preciosas. Fazem isso em honra do ídolo e para a construção da igreja. Por isso, naquele lago há muito ouro, prata e pedras preciosas. Assim, quando em sua igreja querem mandar fazer alguma coisa, procuram no lago e encontram tudo o que lá foi jogado. Mas, no dia que o ídolo é feito, o povo da região chega, toma o ídolo da igreja e o coloca sobre um belo carro<sup>83</sup>.

Lemos ressalta a importância e a abrangência da dominação mongol sobre Ásia do século XIII e o impacto que essa dominação desencadeia no Ocidente. O ponto de vista de Polo a respeito do Império Mongol deve ser compreendido juntamente com os testemunhos de viajantes que o antecederam.

Em 1221, notícias de derrota dos governantes do Estado muçulmano persa do Khwarezm chegam a Europa, desenhando aos cristãos uma nova realidade política, desde os tempos romanos a Pérsia representava o mais poderoso império a se contrapor ao Ocidente. Potência islâmica no tempo das Cruzadas, a Pérsia muçulmana foi o mais temível inimigo da cristandade. No momento que parte desse império foi subitamente derrotada, ocidentais perplexos, passam a se interessar pelos novos conquistadores nômades, o relato se confirma em carta de Raul Merencourt, patriarca de Jerusalém, missiva essa, enviada ao Papa Honório III, onde citam os feitos do poderoso exército de “gente bárbara”, em outro texto anônimo de título *Liberexecutionis Novi Testamenti*, anunciava a ideia que os tártaros estavam se aproximando da Europa carregando num carro de ouro o filho de Deus.

Até esse momento, os mongóis eram desconhecidos pelos europeus, diferentemente aos povos da periferia da cristandade, como celtas, eslavos e hunos, sendo os tártaros ignorados. Mas, dispostos ao comércio e as trocas culturais.

---

<sup>82</sup>CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 301.

<sup>83</sup>Idem, p. 302.

## Capítulo III

### As várias visões do “outro”

#### 3.1 As trocas culturais de forma interligada

Na obra “*O que é História cultural?*”, Peter Burke alega que podemos compreender as trocas culturais como proposta de romper com o centro e periferias e, entender que cada cultura recebe múltiplas influências e que estas influenciam a construção de novas realidades culturais. O teórico assinala que só há pouco tempo à expressão “fronteiras culturais” passou a ser usada por diferentes historiadores culturais já que este termo facilitaria de modo geral lidar com a fragmentação das fronteiras e as trocas culturais.

Distinguir com cuidado entre as visões de fora e as visões de dentro de cada cultura, onde, muitas vezes, as fronteiras nem sempre são objetivas e claras<sup>84</sup>. Atualmente, fronteiras são lugares de encontro ou “zonas de contato”, para o qual muros ou linhas isoladoras não impedem o trânsito de ideias.

A ideia de fronteira cultural é atraente. Pode-se até mesmo dizer que é atraente demais, porque encoraja os usuários a escorregar, sem perceber, dos usos literais aos usos metafóricos da expressão, deixando de distinguir entre fronteiras geográficas e fronteiras de classe sociais, por exemplo, entre o sagrado e o profano, o sério e o cômico, a história e a ficção<sup>85</sup>.

Seguindo com o autor, é possível analisar as limitações entre culturas, resguardando as distinções entre as visões de fora com as de dentro de certa cultura. De fora, essas fronteiras apresentam-se objetivas e mesmo mapeáveis.

Esses mapas são uma forma de comunicação, tão fáceis e rápidos de lembrar-se que palavras. Cuidado, palavras e números podem enganar, pois, implicam uma homogeneidade no interior de certa “área de cultura”, distinguindo os diferentes espaços. Burke esclarece:

A visão de fora precisa ser suplementada por outra, de dentro, destacando a experiência de cruzar as fronteiras entre “nós” e “eles”, e encontrar a Alteridade com “a” maiúsculo (e lembremo-nos de que os franceses foram os primeiros a produzir uma teoria de *l’Autre*). Tratamos aqui dos limites simbólicos entre comunidades imaginadas, limites que resistem aos

---

<sup>84</sup>BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Góes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008. p. 51.

<sup>85</sup> Idem, p. 152.



mapeamentos. De qualquer forma, os historiadores não podem se dar ao luxo de esquecer sua existência<sup>86</sup>.

Odorico diferentemente, não permitir que sua visão de fora pudesse ser suplementada pela de dentro, evitando assim a experiência de cruzar as fronteiras entre “eu” e o “outro”. Hoje, a ênfase recai nas fronteiras como lugares de encontro ou “zonas de contato”. Se muros e barreiras físicas não podem impedir o trânsito de ideias o que não significa que não haja barreiras culturais, como a religião e a língua, que são obstáculos que diminuem a velocidade dos movimentos culturais, mas que também podem desviar esses contatos para canais diferentes.

Durante a viagem de Odorico percebesse que o missionário se deparou com as tais barreiras culturais, ao descrever a religião alheia como blasfêmia, já a língua, o religioso alega que companheiros seus sofreram fisicamente por não falar a língua local, o que dificultou a evangelização.

Burke exemplifica para melhor entendermos:

Braudel estava particularmente interessado em zonas de resistência a tendências culturais, na “recusa a tomar emprestado”, como disse ele, associando essa recusa à resistência das civilizações, seu poder de sobrevivência. Os exemplos incluem a longa resistência japonesa à cadeira e à mesa e a “rejeição” à Reforma no mundo Mediterrâneo<sup>87</sup>.

Todavia, existe mais uma função de uma fronteira cultural, oposta à primeira, ou seja, um lugar de encontro ou zona de contato, “as fronteiras muitas vezes são regiões com uma cultura própria, claramente híbrida”.

No início dos Bálcãs modernos, por exemplo, alguns cristãos tinham o hábito de adorar em santuários muçulmanos, enquanto alguns muçulmanos, por sua vez, frequentavam santuários cristãos. Da mesma forma, ao longo das guerras contra os turcos nos séculos XVI e XVII, poloneses e húngaros adotaram modos turcos de lutar, tais como o uso da cimitarra, e foram eles que apresentaram ao restante da Europa o estilo otomano de cavalaria ligeira, na forma de regimentos de lanceiros e hussardos<sup>88</sup>.

Ao assimilarmos, segundo o teórico, e reinterpretarmos a importância dos encontros culturais em nossos dias, passamos a sentir como urgente compreendê-los no passado. Lançando mão de outra expressão, “encontros culturais”, em detrimento ao termo

---

<sup>86</sup> Ibidem, p.152.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 153.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 154.

etnocêntrico “descoberta”, especialmente a partir de 1992, durante as comemorações dos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo as Américas. Essa expressão está:

Associada a novas perspectivas na história, dando atenção tanto à “visão dos vencidos”, como chamou o historiador mexicano Miguel León-Portilla, como à visão dos vencedores. Os historiadores tentaram reconstruir as maneiras como os habitantes do Caribe receberam Colombo, os astecas perceberam Cortez, ou os havaianos, o capitão Cook (o plural “maneiras” enfatiza o fato de que diferentes havaianos – por exemplo, homens e mulheres, ou chefes e povo – podem ter percebido o encontro de modo diferente)<sup>89</sup>.

O pensamento de que uma cultura estrangeira é análoga ao trabalho de tradução passou a ser comum na metade do século XX entre antropólogos. Atualmente, historiadores culturais passaram a se interessar mais pela ideia. Especial e esclarecedor pensar o termo em relação à história das missões religiosas em terras Orientais e o trabalho de frei Odorico, que insistia em ver o outro através das lentes do cristianismo:

Quando os missionários europeus tentavam converter para o cristianismo os habitantes de outros continentes, muitas vezes buscavam apresentar sua mensagem de modo a produzir a aparência de que estavam em harmonia com a cultura local. Em outras palavras, acreditavam que era possível traduzir o cristianismo, e tentavam encontrar equivalentes locais para ideias como “salvador”, “trindade”, “mãe de Deus” e assim por diante<sup>90</sup>.

Segundo Burke, quem recebia como quem transmitia se engajava na tradução, para os grupos e indivíduos nativos da China, Japão, África, México entre outros, sentiam-se atraídos pelos aspectos particulares da cultura Ocidental, por exemplo: do relógio mecânico à arte da perspectiva, desempenhavam uma ação que já foi descrita como uma “tradução”, no entendimento de que nos adaptavam à sua própria cultura, extraindo esses elementos e um contexto e colocando-os em outro.

Como normalmente estavam interessados em itens específicos, e não nas estruturas em que eles originalmente se inseriam, os grupos nativos praticavam uma espécie de *bricolage*, seja literal, no caso de artigos da cultura material, seja metafórica, no caso das ideias<sup>91</sup>.

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 155.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 155.

<sup>91</sup> BURKE, Peter, op. Cit., p.156.

O autor alega que o termo “tradução” seria rival do conceito hibridiz cultural, para tanto, os dois termos têm suas vantagens e desvantagens. Como podemos observar:

“Tradução” tem a vantagem de enfatizar o trabalho que deve ser feito por indivíduo e grupo para domesticar o estrangeiro, assim como as estratégias e as táticas empregadas. O problema é que esse trabalho de domesticação nem sempre é consciente. Quando o explorador português Vasco da Gama e seus homens entraram em um templo hindu pela primeira vez, acreditavam estar em uma igreja, e “viram” a escultura indiana de Brahma Vishnu e Shiva como uma representação da Trindade<sup>92</sup>.

Então, podemos entender, segundo as definições de Burke que os viajantes religiosos, como Odorico, estava apenas aplicando um esquema de percepção da própria cultura para interpretar o que viam sem se darem conta que estavam fazendo.

Na obra de Edward Said, por exemplo. “Todas as culturas estão envolvidas entre si”, escreve Said a respeito de nossa situação atual, “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas<sup>93</sup>”. Durante a maior parte do tempo, Odorico demonstra resistência à interação e rejeita as tradições culturais dos povos visitados, tudo o que considera distinto na cultura local é reconhecido como algo ameaçador e evitado de todas as formas, como visto anteriormente. Sua rejeição é mais bem entendida através da resistência ao diferente, da defesa contra a invasão das suas fronteiras culturais<sup>94</sup>.

E finalmente, Burke aponta que os resultados que se espera das trocas culturais, longo prazo, seriam a extinção das chamadas culturas insulares, ou seja, nenhuma cultura sobrevive sem que haja interações com o diferente<sup>95</sup>.

Menciono uma possibilidade, apenas para rejeitá-la de imediato: a sobrevivência de culturas independentes. Em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que à maioria das culturas deixaram de ser ilhas. Com o passar dos séculos tem ficado cada vez mais difícil se manter o que poderia ser chamado de “insulação” de culturas com o objetivo de defender essa insularidade<sup>96</sup>.

Percebemos que Odorico de Pordenone não se mostrou interessado em entender as culturas dos povos que manteve contato ao longo de sua caminhada missionária, traduzindo as

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 77- 99.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 102-116.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 101.

culturas com as quais manteve contato sob a ótica cristã evangélica. A importância dos encontros culturais esbarrou em seu etnocentrismo, o que o impediu de apreciar a descoberta do diferente, do outro, optando em fazer sua tradução cultural, reinterpretando o que via através de suas próprias tradições. As fronteiras culturais tornaram-se barreiras difíceis de transpor para nosso viajante medieval. Como vimos anteriormente, as culturas estão envolvidas entre si, não são puras ou únicas e todas passam pelo processo de trocas, mas a visão católica latina de Odorico, com sua noção de superioridade, buscou sempre impor sua forma de cultura àqueles que ele considerava desiguais e mais fracos. Suas tradições culturais não entendiam as trocas entre culturas, permanecendo o estranhamento entre centro e periferia. Pordenone não permitiu que sua visão de alteridade recebesse novas influências e que estas, influenciassem e construíssem outra realidade cultural para si. Acreditamos que Pordenone sentia-se ameaçado por considerar a cultura oriental muito diferente da sua, reconhecendo-a como algo que devia ser evitado, o que justifica seu comportamento de estranhamento em relação às novas experiências.

### **3.2 O outro: Ser católico e a construção do olhar**

Neste ponto, temos a intenção de abordar a opinião de alguns autores sobre a construção do olhar do “outro” nos processos de trocas culturais, facilitando assim, o entendimento de como se deram essas experiências de mistura e junção do diferente. Esclarecendo melhor certos comportamentos e declarações em relação ao “outro” feito pelo beato Odorico ao longo de sua viagem.

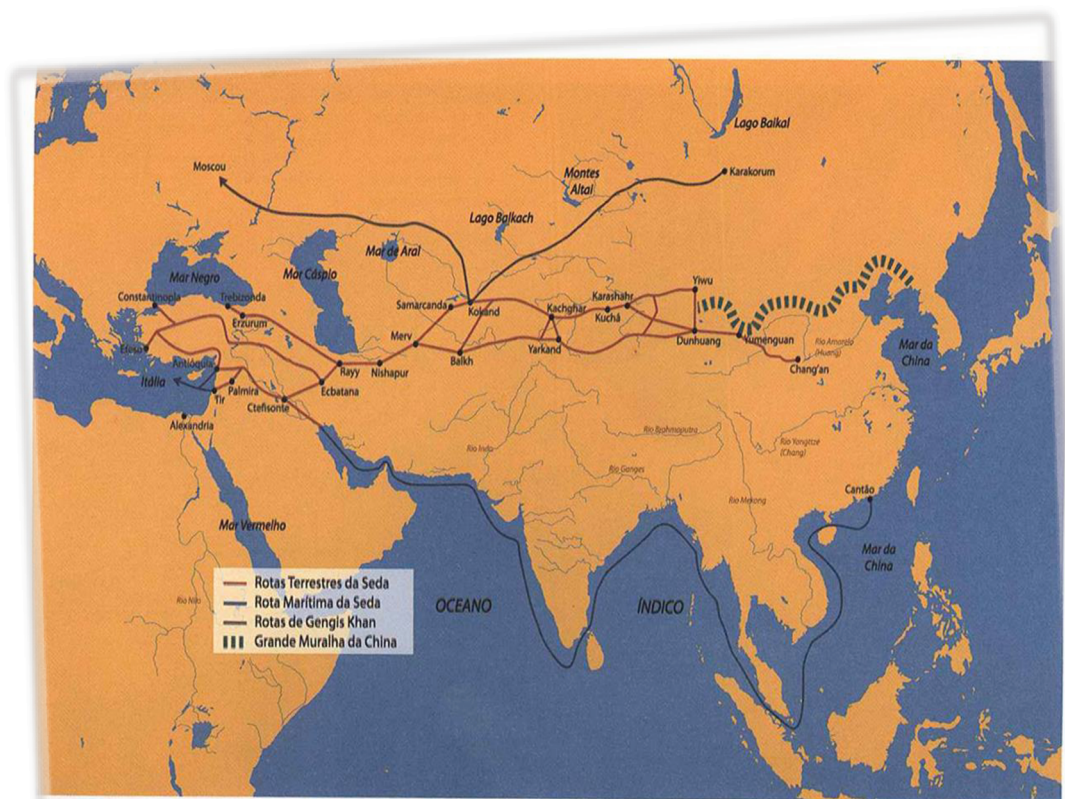
O estudioso e sinólogo André Bueno deixa claro que ao falarmos da Rota da Seda, estamos antes de tudo a discutir um empreendimento milenar e multicultural. A velocidade dos processos de comunicação e de comércio contemporâneos não nos permite dar espaço para que as gerações de hoje entendam a complexidade que o fenômeno da Rota da seda alcançou, nem como se deram as condições em que se realizou. Bem como, a multiplicidade de povos, espaços, tempos culturais que envolveram sua estruturação, o que cobra dos estudiosos uma gama de experiências e conhecimentos muito específicos, classificando o assunto como difícil, porém, atraente<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> BUENO, André. Chineses, romanos e o sistema mundial: os primórdios da Rota da Seda. In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da rota da seda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 29.

**Figura 01 - Itinerários terrestres e marítimos da Rota da Seda.**

(Fonte: MACEDO, José Rivair (org.). *Os Viajantes da Rota da Seda (séculos V-XV)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 211).



Mapa 1 - Itinerários terrestres e marítimos da Rota da Seda.

Em outro texto, Bueno trabalha como as trocas culturais dos viajantes que fermentaram e permitiram uma mentalidade de tolerância em relação ao “outro”. Para isso, Bueno esclarece que, ao atentarmos melhor pela Rota da Seda na Ásia, perceberemos que a imbricação entre grupos religiosos e a fluxo de elementos estrangeiros como diplomatas, mercadores e exércitos, não só favoreceu com também facilitou a tolerância, para onde antes ela por acaso não existisse, não só surgiu como terminou por se tornar regra, partindo por iniciativa da sociedade, ou por pressão dos próprios governos<sup>98</sup>.

Verdadeiramente, a construção do “outro” se encontra relacionada ao problema da representação, ou seja, de como podemos dizer o “outro”, de como apresentar aos demais membros de um mundo, em nosso caso, o mundo dos cristãos ocidentais de Odorico, um “outro” mundo novo e distinto.

Como se disse acima, ninguém ousava aproximar-se do seu carro mais do que o lance de uma pedra, a não ser que fosse chamado, excetuando os seus guardas. Quando íamos a ele com a cruz erguida, ele depôs o seu barrete, ou o chapéu, de um valor quase inestimável, e fez reverência à cruz.

<sup>98</sup>BUENO, André. **Arte e Religião na Rota da Seda**. As transformações na Iconografia Budista, **Transoxiana**, 12, Agosto 2007. p. 02.

Imediatamente, coloquei incenso no turíbulo que trazia e o nosso bispo tomou o turíbulo de minha mão e o incensou<sup>99</sup>.

Sem dúvida, os intensos processos de trocas culturais desempenharam importante papel na formação do olhar do “outro”. No entanto, Odorico apresenta a situação em que o olhar é pré-existente, já construído, dificultando o processo das trocas e a transformação do olhar sobre o diferente. Podemos perceber na fala do frei que seu olhar cristão transcende a própria importância do Grão Cã, quando este, em uma viagem, reverência o santíssimo sinal da cruz, é sabido que uma das missões dos religiosos no Oriente era a conversão do imperador ao catolicismo, Odorico demonstra estar satisfeito com isso na atitude do Imperador.

Como não fosse bastante, podemos buscar na opinião de José Macedo a forma de enquadramento do diferente, do “outro”, à realidade sensível, familiar ao relator, em nosso caso, a realidade de Frei Odorico, segundo Macedo, revela-nos muito a respeito do objeto da narração e a respeito do narrador, há uma realidade nova por detrás das imagens verbais, recentemente descoberta por Odorico.

Apreender como se processa o jogo entre a reprodução do que foi captado pelo olhar e a projeção imaginária, e como se processa a incorporação do diferente e do estranho por pessoas de uma sociedade tradicional, em nosso caso a sociedade medieval do beato, é tarefa necessária e útil para entendermos o comportamento de frei fora dos limites habituais do mundo a que ele pertencia, já que seu relato diz respeito às viagens intercontinentais. Acreditamos que o olhar do viajante era pré-determinado, partia de um ângulo precisamente cristão e que também tinha um fim imediato: a crítica ou mesmo a descaracterização de costumes religiosos concorrentes, e que não foram poucas as tentativas de explicação da superioridade da fé cristã. Assim, narra Odorico, em certa ocasião, como o poder de sua fé era superior à crença das demais pessoas presentes.

Além disso, outro milagre me aconteceu na viagem. Ao ir por mar com os ossos a uma cidade que se chama Polumbum [...] faltou-nos totalmente o vento. Por isso, os idólatras começaram a clamar e a adorar os seus deuses, para que lhes mandassem vento propício; mas não puderam ajudá-los. A seguir, vieram os sarracenos, que também se esforçaram muito para ter vento, mas também eles nada conseguiram. Depois, foi ordenado a mim e a meu companheiro que fizéssemos orações a Deus, para que finalmente nos desse vento. [...] tomando um dos ossos, entreguei-o a nosso servo para que, indo até a frente do navio, rapidamente o atirasse ao mar. Assim que o osso foi jogado ao mar, imediatamente levantou-se um vento muito bom e

---

<sup>99</sup>CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 335.

favorável, que nunca nos faltou até chegarmos ao porto, onde, por méritos destes frades, chegamos com saúde<sup>100</sup>.

Nesta abordagem, levamos em consideração que os relatos de viagem expressam pontos de vista resultantes de indivíduos que integravam diferentes formas de organização política e distintos conjuntos culturais. Perceba no trecho abaixo onde Odorico observa:

[...] eles adoram outro ídolo, que é metade homem e metade boi. Muitas vezes, este ídolo responde pela boca e pede e exige o sangue de quarenta virgens. Assim, os homens e as mulheres fazem voto de dar seus filhos e filhas a este ídolo, como aqui os homens e as mulheres fazem voto de entregar seus filhos e filhas a alguma ordem religiosa. E, dessa forma, os homens matam seus filhos e filhas diante deste ídolo, para lhe oferecerem seu sangue. Assim, muitos morrem dessa forma. Este povo faz muitas coisas sobre as quais escrever e ouvir seria uma abominação. Nesta ilha, há e se originam muitas outras coisas que não convém muito escrever<sup>101</sup>.

Se para o viajante Ibn Battuta, tanto chineses quanto cristãos bizantinos eram considerados “infiéis”, o termo não teria o mesmo significado e não expressaria os mesmos juízos de valores como para Pordenone, para ele, o que importava era diferenciar os idólatras, budistas e outros, dos cristãos nestorianos cismáticos. Em meio a tudo isso, os religiosos cristãos, como não podia ser diferente, chocaram-se com os aspectos e os comportamentos dos asiáticos. Odorico chega a classificar a adoração de seus ídolos como mera abominação.

Macedo considera possível dividir a discussão com antropólogos e historiadores da cultura o debate sobre as identidades culturais, suas relações e interatividades:

Consideramos que as identidades culturais são eminentemente relacionais, interativas, e, na busca pelo estabelecimento das interações, das trocas e confrontos, a comparação levou-nos a buscar menos as homologias do que as variações, os processos de diferenciação pelos quais as sociedades, como um todo, se constroem e se reproduzem<sup>102</sup>.

Odorico expõe em suas descrições e impressões pessoais, reproduzindo sua própria visão do mundo, rechaçando as diferenças, e o quanto essas descrições e impressões demonstram os intercâmbios e trocas, que vão se incorporando ao modo particular de Odorico ver o mundo. Decididamente, o quanto a Rota da Seda foi um importante caminho franco para diálogos

---

<sup>100</sup> Ibidem, p. 298.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 300.

<sup>102</sup> MACEDO, José Rivair, op. cit., p. 23-24.

interculturais<sup>103</sup>. O trecho abaixo deixa claro como Macedo define o processo de interação e como esse processo ainda se mantém na atualidade:

De fato, ao promover os contatos, a rota pôs bens, pessoas, riquezas, técnicas e ideias em movimento. Adentrando em territórios antes desconhecidos, interagindo e aprendendo algo novo, tirando-os do enclausuramento e estimulando outros a fazer o mesmo. Talvez por isso seus relatos tenham despertado tanto interesse no momento mesmo que foram escritos. Suas palavras mostram-se perfeitamente atuais no mundo contemporâneo, articulado em âmbito global e em busca da pluralidade cultural. Também nesse aspecto, o passado tem provavelmente algo a nos ensinar<sup>104</sup>.

Ana Paula Bergonci também trabalha com o tema dos viajantes que percorreram a Rota da Seda, estrangeiros que tiveram de lidar com o “outro” durante seus deslocamentos e como seus comentários e informações eram detalhados, o que nos revela tanto o interesse quanto o estranhamento diante de hábitos e costumes lá existentes. O objeto de análise de Ana Paula é o viajante muçulmano Sulaiman que expõe seu estranhamento perante o “outro”. Segundo a autora a questão seriam os modelos de civilização postos em contato e que se chocam:

A questão do “outro” já foi objeto de análise em diversos trabalhos que quase sempre põem em destaque a assimetria entre dominador e dominado, “civilizado” e “bárbaro”. Porém, ao ler os comentários de Sulaiman, percebe-se que a relação entre ele (*eu*/identidade) e os povos da China e da Índia (*outro*/alteridade) não é assimétrica. O que aí se sobressai é um olhar indagador, que busca estabelecer as semelhanças e, sobretudo, as diferenças entre os modelos de civilização postos em contato. Não obstante o reconhecimento do alto grau de civilização daqueles povos, observa-se que o viajante mantém a referência de sua própria cultura para representá-los, partindo sempre do *eu*<sup>105</sup>.

A historiadora continua e alega que o que está realmente em questão é o grande dilema que se apresenta aos elementos de culturas ou etnias estranhas quando em contato: “o diferente é percebido em oposição ao conhecido, ou seja, o *outro* só é *outro* quando comparado com o *eu*; e também o contrário, pois só é possível reconhecer-se enquanto *eu* em oposição ao *outro*”.

---

<sup>103</sup> Ibidem, p. 21-24.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>105</sup> BERGONCI, Ana Paula Aydos. Sob os olhos do Islã: indianos e chineses no Ahbaras-Sinwa L-hind, do mercador Sulaiman (851). In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da Rota da Seda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 92-93.



Para melhor entendermos tal aspecto, deve-se levar em consideração que as representações, ou seja, as imagens verbais evocadas revelam um “olhar” interrogador, direcionado, que dialoga com o que é visto, porém, que está condicionado pelo universo cultural que lhe é familiar. Ana Paula compreende que o *olhar* não é inocente e que as representações também não o são. Comentários, ideias e opiniões gerais sobre, no caso de Sulaiman, indianos e chineses falados pelo viajante, pode inferir nas informações da cultura daquele povo quanto algo de sua própria visão do mundo, sendo que seu olhar buscava apreender o *outro*, para enquadrá-lo numa escala de valores fixada por suas noções religiosas<sup>106</sup>.

Em nosso entendimento, na visão de Odorico, seu ponto de vista estava de acordo com as definições etnocêntricas do cristão latino, pois, segundo o qual este seria “o ponto de vista de que cada um deve preferir seu próprio modo de vida a todos os outros”, salienta Bergonci, havendo a ideia de identificação pelo indivíduo com a cultura de seu povo, e de sua parte, supondo que os padrões culturais de seu grupo seriam os melhores, com os mais corretos modos de agir. Então, Odorico se identifica com os elementos de sua cultura, com sua religião, que seu ponto de vista seria o melhor e seu etnocentrismo não incluiria outras culturas<sup>107</sup>. Perceba nas palavras de Odorico a dificuldade do religioso para aceitar costumes tão diferentes seus:

Partindo desta região e indo para o sul, pelo Mar Oceano, em cinquenta dias cheguei a uma região que se chama Lamori, onde comecei a perder o rumo, porque a terra mo tirou. Ali, o calor é tão intenso que todos, tanto homens quanto mulheres, andam nus, não se cobrindo com nada. Eles zombavam muito de mim, dizendo que Deus criara Adão nu e eu, contra sua vontade, queria me vestir<sup>108</sup>.

Para nosso viajante religioso, Odorico de Pordenone, seus maiores obstáculos foram os de aprender a conviver com o diferente, com o “outro”, a lidar e dominar tantas formas de comunicação, de enquadrar culturas e juízos morais, a diversidade de crenças e variadas formas de ver o mundo dos povos ligados a incrível Rota da Seda.

Alexandre Lemos, acredita que os primeiros emissários cristãos enviados ao Oriente com o compromisso de conhecer os costumes mongóis os descreviam de maneira

---

<sup>106</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>108</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 303.

profundamente depreciativa, construindo nesse momento de contato o olhar do cristão, um olhar carregado de dúvidas e desconfianças.

Sem esperanças de estabelecer uma aliança cristã e mongol contra o mundo muçulmano, o que sentem é a desconfiança em relação a um potencial adversário. Como podemos notar nas palavras de Odorico: “O povo desta terra é idolatra, pois adora o fogo, a serpente e as árvores. A terra é governada pelos sarracenos, que a conquistaram com violência e, agora, estão sujeitos ao poder de Doldali<sup>109</sup>”.

Tanto freis Rubruc quanto Carpine notam a inexistência de cidades, exceto a cidade de Karakorum, que os tártaros não se dedicavam a agricultura, detalhes também percebido por outros viajantes. Os dois religiosos, através de suas lentes católicas, descrevem os povos das estepes como pouco civilizados e desprovidos de razão. Que se alimentavam de cobras, cães, ratos, lobos e que até carne humana fazia parte do cardápio. Como podemos notar neste trecho:

Aqui também existem as maiores serpentes que há no mundo. Eles pegam muitas delas e, depois, as comem com prazer. Essas serpentes são consideradas uma iguaria tão solene que, se num banquete são se manda fazer uma dessas serpentes, dir-se-á que não se fez nada. Esta cidade tem grande abundância de todos os alimentos que existe no mundo<sup>110</sup>.

Sendo esses ecos das profecias dos escritos de Pseudo-Metódio a respeito dos povos do Gog e Magog, que se alimentavam da mesma forma.

Partindo desta ilha em direção ao sul, cheguei a uma grande ilha que se chama Dandin, que é a mesma coisa que “imundo”. Naquela ilha, residem homens maus, pois comem carnes cruas e toda outra imundície que se possa imaginar.

Entre eles existe um costume mau, pois o pai come o filho, e o filho [come] o pai; a mulher, o marido; o marido, a mulher. E isso desta forma: suponhamos que adoença o pai de um deles. Então, o filho vai ao astrólogo, isto é, ao sacerdote, e diz assim: “Senhor, dirigi-vos ao nosso Deus para saber se meu pai pode libertar-se da enfermidade ou se vai morrer”. Então, o sacerdote e aquele cujo pai está doente aproximam-se do ídolo, que é de ouro ou de prata, fazendo-lhe orações [...]

[...] Mas, se o demônio lhe diz que ele deve morrer, o sacerdote se aproxima dele e põe-lhe um pano sobre a boca; assim, logo o sufoca, e ele morre. Tendo o matado dessa forma, imediatamente o cortam e convidam os

---

<sup>109</sup>CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 289.

<sup>110</sup> Idem, p. 313.

amigos, parente e todos os feiticeiros da região para comê-lo; e o comem com cânticos e grande alegria [...] <sup>111</sup>.

Outro fato que transformavam os mongóis em mais bárbaros perante os religiosos era a aparente ausência de religião. Acreditavam num criador de tudo que existe só que não celebravam missas e não praticavam nenhum ritual religioso, e por incrível que pareça, não temiam a danação eterna. Ou seja, cometiam sacrilégios e praticavam feitiçaria e paganismo <sup>112</sup>. A ponto de Odorico declarar: “Todo o povo desta cidade, de toda a província de Manzi e da Índia Superior, é idólatra <sup>113</sup>”.

Lemos ressalta que, pela primeira vez fez-se um estudo “etnográfico” realizado pelos cristãos a respeito dos povos das estepes, mesmo as profecias apocalípticas, embora mais fracas, ainda persistiam: os mongóis bem ou mal, agora eram concretos. Os viajantes aos poucos vão enquadrando a cultura, a organização, os símbolos e valores, enfim, os códigos de comunicação dos mongóis no espaço do saber ocidental <sup>114</sup>.

Devo mencionar que concordamos com o autor ao alegar que, diferente dos viajantes religiosos, Marco Polo construiu uma visão mais elogiosa sobre o “outro”, iniciando a exploração pelo Império Mongol em 1275, o cenário que Polo descreve é muito diferente daquele mencionado pelos primeiros missionários enviados pela Igreja, essas impressões irão influenciar bastante os relatos do explorador. Longe de perceber o barbarismo e perigos nos mongóis, Polo relata aos ocidentais a imagem de uma civilização desenvolvida e com afinidades com o cristianismo. Na visão de Marco, a terra dos tártaros é cheia de riquezas e, no geral, é descrita em seu livro de maneira positiva. É nesse momento que o Império Mongol alcança sua extensão máxima <sup>115</sup>.

Lemos afirma que a imagem positiva que o veneziano vê nos mongóis chega a ser “propagandista” e a Ásia pela qual viaja Polo é governada por um “homem justo e poderosíssimo”, que a força de seus exércitos é grande e as terras prósperas. Se para os religiosos que se deslocavam por terras mongóis décadas antes, eles eram brutos, bárbaros e inimigos da cristandade, para Polo o império é modelo de civilização desenvolvida. Polo escreve em sua obra.

---

<sup>111</sup> Ibidem, p. 310- 311.

<sup>112</sup> LEMOS, Alexandre Piana. Kublai Khan e o Império Mongol em O livro das maravilhas, de Marco Polo (1298). In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da rota da seda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. Na realidade, suas práticas religiosas eram, efetivamente, politeístas, xamanísticas, embora algumas tribos no século XIII praticassem o masdeísmo, o budismo e mesmo o cristianismo em sua versão nestoriana. p.157.

<sup>113</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 313.

<sup>114</sup> LEMOS, Alexandre Piana, op. cit., p. 157.

<sup>115</sup> Idem, p. 158.

Vou relatar agora as grandes proezas e maravilhas do Grã-Cã que reina atualmente, chamado Cublai, o que no nosso idioma quer dizer o senhor dos senhores. E dão esse título com justiça, pois é sabido de todos que ele é o homem mais poderoso da Terra, em seus tesouros e em exércitos; nunca os houve maiores, desde Adão, nosso primeiro pai; e nunca os houve até nossos dias. E isto demonstrarei nesse livro<sup>116</sup>.

Marco Polo distancia a rusticidade e a miséria dos relatos dos missionários e a todo o momento, o que sobressai é a ideia de ostentação e poder. Mesmo que as descrições do veneziano sejam exageradas a respeito do Império Mongol, a visão da China naquela época deve ter impactado e maravilhado os olhos do visitante. Esses detalhes podem ser observados em outros relatos de viajantes estrangeiros que por lá estiveram, não só cristãos, como Odorico, que mesmo assim tem que admitir e diz: “na verdade, esta terra é das melhores que hoje existem no mundo, e isto naquilo que o corpo humano pode ter”. Ou, como o viajante muçulmano Ibn Battuta: A descrição que Ibn Battuta nos deixou está repleta de momentos que expressam admiração e respeito. Eis sua primeira impressão: “A China é um território imenso, com toda a classe de produtos, frutos, cereais, ouro e prata. Nenhuma outra terra se compara a ela<sup>117</sup>”. Essa declaração reforça nossa ideia de que a visão de Odorico é condicionada a sua posição de superioridade cultural e religiosa em relação aos povos que não professavam o cristianismo do beato. Devemos ter em mente, sempre, que mesmo não sendo religioso, nem enviado pelo papa, Polo era um cristão latino e sua viagem visava satisfazer expectativas ocidentais<sup>118</sup>. Já Odorico, faz ver aos leitores que os mongóis eram pagãos e bárbaros, logo, inimigos dos cristãos, sendo necessário convertê-los ao cristianismo. Em seu relato, entre descrições e comentários geográficos, aos costumes e povos, há várias passagens que têm o objetivo de provar a superioridade do cristianismo em face dos “infiéis” e, paulatinamente, o desenvolvimento de uma percepção pelos religiosos católicos que influenciaram, e ainda influenciam as noções de alteridade em relação aos povos orientais edificadas pela sociedade medieval.

---

<sup>116</sup> CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de, op. cit., p. 159.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>118</sup> Ibidem, p. 161.

### 3.3 Consequências desses contatos na atualidade

O texto da medievalista Aline da Silveira, *“Cristãos, muçulmanos e judeus na Medievalística Alemã: Reflexões ‘para um novo conceito de Idade Média’<sup>119</sup>”*, permite trazer para discussão as consequências dos contatos culturais através do crescimento da diversidade na Europa atual e como esses encontros e desencontros culturais são cada vez mais perceptíveis em nossos dias. Nomeada pelos meios de comunicação por “choques culturais” ou “choque de civilizações” ao se referir as migrações dos países muçulmanos, tais denominações estão relacionados às formas de resistências, repulsas e conflitos por partes dos europeus em detrimento principalmente de imigrantes muçulmanos.

Podemos estender o debate para as tendências temáticas e metodológicas na medievalística alemã, a historiadora reflete sobre essas tendências no tocante às relações entre cristãos, muçulmanos, e judeus durante a Idade Média. Sua crítica dirige-se às noções que apontam as “raízes medievais da Europa” da historiografia francesa, nomeadamente na obra de Le Goff, estariam baseadas unicamente na cultura carolíngia, na ascensão do cristianismo e no assentamento dos reinos “bárbaros”. Como apontam pesquisas atuais, devemos utilizar o termo no plural, ou seja, “culturas medievais”, pois devemos levar em consideração as profundas e variadas trocas culturais entre cristãos, judeus e muçulmanos durante a Idade Média. Numa Europa fundada tanto por valores ocidentais como orientais, temos uma Idade Média que não pode ser dividida entre leste e oeste, oriente e ocidente. Contudo, construída e identificada nas trocas culturais e na relação com o “outro”. Tanto as trocas quanto às influências são inevitáveis. O trecho a seguir confirma:

As consequências destes encontros, desencontros e reencontros culturais são perceptíveis no dia-a-dia e apresentam-se, muitas vezes, sob a forma de resistência, repulsão e conflito, também denominados pela mídia de “choques culturais”, ou ainda “choque de civilizações”, quando a imigração oriunda dos países muçulmanos é referida. A intensidade destes acontecimentos conduz, inevitavelmente, à busca da diferenciação em relação ao “outro”, ou seja, à busca da afirmação da própria identidade, pois é grande o receio da perda de referencial frente às eminentes mudanças de costumes e massificação da cultura<sup>120</sup>.

---

<sup>119</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. **Cristãos, muçulmanos e judeus na medievalística alemã: reflexões “para um novo conceito de Idade Média”**. Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

<sup>120</sup> Idem, p. 403.

Perante a fala conservadora da política europeia, buscou-se responder academicamente as questões sobre a formação da identidade, dos valores culturais e se podemos definir o que é centro e o que é periferia da Europa, a autora contextualiza:

Diante do contexto social e político da atual Europa, algumas obras acadêmicas ainda enfatizam o conservadorismo centro-europeu, o qual defende uma uniformidade da cultura europeia baseada no cristianismo e na ideia de uma “Civilização ocidental” em contraponto a “uma Civilização oriental”. Outros trabalhos, por outro lado, destacam-se por reivindicar o reconhecimento das trocas culturais como força motriz na formação das culturas europeias. Desta forma, o Oriente aparece cada vez mais como tema de livros, congressos e teses<sup>121</sup>.

Após oito séculos de convivência muçulmana na Península Ibérica e as interações culturais no Mediterrâneo, somando-se a presença da cultura judaica, o Oriente cultural está mais próximo que a distância geográfica que nós imaginamos. Conscientes de tal importância, medievalistas alemães vêm focando nos assuntos mediterrâneos. Apontando a Península Ibérica como exemplo de espaço histórico para o estudo das trocas culturais, convivência, relações de tolerância e intolerância, bem como, das heranças culturais entre religiões monoteístas da Europa. Contando com tamanho acervo histórico, produções historiográficas demonstram franca oposição à ideia de centro e periferia dentro dos limites europeus, a historiadora dá bons exemplos:

O programa interdisciplinar e interinstitucional Integração e Desintegração das Culturas na Idade Média Europeia; o Instituto de História Comparada da Europa Medieval da Universidade Humboldt em Berlim; o Seminário em Frankfurt (julho, 2007) Norte Cristão – Sul Muçulmano: a Península Ibérica em contexto das mudanças culturais, religiosas e políticas entre os séculos XI e XV, etc.<sup>122</sup>.

O papel destes trabalhos é ressaltar “a importância do conhecimento cristão, árabe e judeu, não só como uma influência ou recepção na Idade Média, mas como constituidor dos valores da Europa”. Esses trabalhos trazem temas como o trânsito de intelectuais que pertencem às três religiões na Idade Média trabalhando em grupo nas traduções, “Séculos antes da obra de Aristóteles ser discutida na Paris do século XIII, muçulmanos, cristãos e judeus já trabalhavam em conjunto na tradução e interpretação de textos aristotélicos na

---

<sup>121</sup> Ibidem, p. 404.

<sup>122</sup> Ibidem, p. 405.

escola de tradução de Bagdá (séculos VII-IX d. C.)”. Tal colaboração está documentada na escola de tradução de Toledo (século XII-XIII), em textos traduzidos do árabe para o latim.

Estes trabalhos atestam o resultado das profundas trocas cultural entre cristãos, judeus e muçulmanos na Idade Média, sobretudo nos comentários de obras traduzidas por intelectuais baseados em fontes helenísticas, cristãs, judaicas e islâmicas.

Este é um bom exemplo da importância das culturas mediterrânicas na formação cultural da Europa e de como é errôneo explicar a Idade Média a partir de modelos generalizantes, a exemplo do conceito de “Europeização da Espanha” (UBIETO, REGLÁ, JOVER, 1965), o qual considera a “Civilização” carolíngia como ogênese da “Civilização ocidental” como se a Espanha ou a Península Ibérica não pertencessem à Europa anteriormente<sup>123</sup>.

A autora critica Ubieto, quando esse afirma o termo europeização como o sinônimo de modernização ou ocidentalização, designando a expansão europeia como no tempo da colonização, bem como, o processo de europeização do planeta. “Neste último caso, estão incluídos, por exemplo, os processos de modernização na Rússia durante o século XIX, os quais são caracterizados e explicados sob o estigma da Europeização”. Para tanto, Silveira aponta K. Herbers, quando indica “que o objetivo atrás destas ‘etiquetas’ seria a exaltação da própria identidade e da função intermediária dos países ‘periféricos’<sup>124</sup>”. A medievalista aponta alternativa, perceba:

Uma alternativa para tais discursos seria uma orientação metodológica, que tratasse do contexto medieval ibérico em seus diferentes níveis e intercâmbios culturais. Tal orientação foi desenvolvida em outros idiomas sob os conceitos de *transferculturels*, *cultural Exchange* e, dentro da recente historiografia Alemã, sob o conceito de *Kulturaustausch*<sup>125</sup>.

Para entender tais conceitos, não seria conveniente citar importação ou exportação de elementos culturais, melhor chamar do surgimento de novos sistemas em longa duração. A teórica entende como processo o novo conhecimento que pode ser trabalhado, assim:

A incorporação do conhecimento árabe nas traduções medievais feitas por cristãos não seria, por exemplo, “apenas” uma recepção, mas um processo, no qual o novo conhecimento é trabalhado de acordo com as premissas, convenções e percepções vigentes, para vir a expressar uma nova forma de conhecimento ao longo do tempo<sup>126</sup>.

---

<sup>123</sup> Ibidem, p. 406.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 407.

<sup>125</sup> Ibidem, p. 407.

<sup>126</sup> Ibidem, p. 407.

Há no momento na historiografia espanhola uma procura para estudar a trocas culturais na Idade Média, na forma de colóquios que reúne pesquisadores espanhóis e alemães, onde tratam as relações da Espanha com o Sacro Império desde o reino de Otto I e o Califado de Córdoba até o século XIII, em referencia as relações entre muçulmanos, judeus e cristãos. Esses colóquios têm seu valor quando buscam alternativa para o termo “Civilização”:

(formatação)

Tais iniciativas como a do Colóquio em Valladolid parecem buscar uma alternativa ou uma resposta para a tradição na historiografia francesa de utilizar o termo “Civilização” para designar a Idade Média ocidental, sendo que “Civilização” neste caso tem seus fundamentos na cultura carolíngia e na ascensão do cristianismo das ordens beneditinas. A partir desta “Civilização do Ocidente Medieval” seriam desenvolvidas as “raízes” da cultura europeia<sup>127</sup>.

Ao falarmos de “Civilização” medieval como sinônimo de desenvolvimento das instituições carolíngias, fica clara a concepção de centro e periferia dentro da Europa, em obras que traduzem o pós-guerra onde a reconstrução da Europa e a necessidade de uma uniformidade cultural que possa amenizar as diferenças, tendo como ponto de partida a Europa centro-ocidental, como Alemanha e França.

Neste ponto a historiadora crê “que a construção de identidades europeias” estão alicerçadas tanto nos valores ocidentais como orientais. Ratificando uma Idade Média que não pode ser dividida entre Ocidente e Oriente, mas:

Definida pelos encontros e pelas trocas culturais, pelo trabalho conjunto nas traduções e pela identificação do “outro” como o “nosso”. Por esta perspectiva, o olhar do medievalista brasileiro, o olhar do outro, é legítimo e pode contribuir com sua imparcialidade na desconstrução dos modelos de centro e periferia cultural, propondo novas análises para o estudo das trocas culturais<sup>128</sup>.

Buscamos entender o termo orientalismo para este trabalho e as definições de Edward Said são as que melhor o definem. Para esse autor, orientalismo pode ser compreendido como “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente<sup>129</sup>”.

Com uma visão crítica e bastante oposta à dos autores de História Cultural, a obra do escritor e professor americano Samuel Huntington, traz em seu livro “*O choque de*

---

<sup>127</sup> Ibidem, p. 407.

<sup>128</sup> Ibidem, p. 408.

<sup>129</sup> SAID, Edward W, op. cit., p.15.



*civilizações e a recomposição da ordem mundial*<sup>130</sup>”, a indagação, se o futuro da política mundial não seria dominado pelos conflitos entre as civilizações. O autor responde à questão, alegando que o choque entre as civilizações é a ameaça à paz no mundo. Sai em defesa de uma ordem internacional que seria baseada nas civilizações e teria a melhor forma de se proteger contra a guerra. Para Huntington, cada vez mais os povos definem-se nas tradições e costumes dos antepassados, na língua, na religião. E, no pós Guerra Fria, as pessoas se distinguem mais pela cultura do que pela economia e ideologias. O autor alega:

A política mundial está sendo reconfigurada seguindo linhas culturais e civilizacionais. Nesse mundo, os conflitos mais abrangentes, importantes e perigosos não se darão entre classes sociais, ricos e pobres, ou entre grupos definidos em termos econômicos, mais sim entre povos pertencentes a diferentes entidades culturais. As guerras tribais e os conflitos étnicos irão ocorrer no seio das civilizações [...] <sup>131</sup>.

As teorias hierarquizantes, racistas e conservadoras de autores como Huntington, as quais, infelizmente, ainda influenciam o pensamento contemporâneo. Demonstrando que esse tipo de percepção desqualificadora de outras culturas trouxe no passado mais divisões que colaborações entre as culturas, mais guerra que paz.

As pessoas utilizam a política não só para servir aos seus interesses, mas também para definir suas identidades. Nós só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos <sup>132</sup>.

Os países islâmicos vem há anos sendo alvo de frequentes questionamentos sobre a integração da região ao mundo vigente, onde as formas muçulmanas de organização política e cultural são criticadas, lançando um olhar sobre o outro que o qualifica como violento e irracional. Esse pensamento é preconceituoso e reforçado na tradição orientalista, existente ainda nos dias de hoje, mas de difícil sustentação. Na teoria de Huntington, existe uma intolerância por parte do islamismo que os pré-dispõe a confrontos e a iminência de um choque de civilizações.

De acordo com Said:

[...] no contexto colonial e pós-colonial, as retóricas da cultura geral ou da especificidade civilizacional marcharam em duas direções potenciais: uma

---

<sup>130</sup> HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilização e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

<sup>131</sup> Idem: p. 21.

<sup>132</sup> Idem: p. 20.

utópica, que insistia num padrão geral de integração e harmonia entre todos os povos; a outra que sugeria que todas as civilizações eram de fato específicas e ciosas, monoteístas, a ponto de se rejeitarem e entrarem em guerra contra todas as outras. Entre os exemplos da primeira linha estão à linguagem e as instituições das Nações Unidas fundadas logo após a Segunda Guerra, e o surgimento, a partir da ONU, de várias tentativas de um governo mundial baseado na coexistência, nas limitações voluntárias da soberania e na integração harmoniosa de povos e culturas. A segunda direção deu origem à teoria e à prática da Guerra Fria e, mais recentemente, à ideia de que o choque de civilizações é – se não uma necessidade para um mundo de tantas partes diferentes – uma certeza<sup>133</sup>.

Said critica que determinado grupo esta no centro do mundo, criando situações de mundo em conflitos, esse argumento é resgatado por Huntington em seu livro, que o apoia. Para o escritor, o progresso de certas sociedades seria tão grande que os outros que não seguissem o ritmo seriam submetidos ainda que pelo confronto. A ideia de um choque de civilizações de Huntington parece preencher um espaço deixado a partir da ruptura da ordem mundial pós-guerra fria, onde o autor alega que os conflitos de hoje e de amanhã continuarão a ser, essencialmente, ideológicos, no lugar de econômicos e sociais<sup>134</sup>.

Nos anos que se seguiram à Guerra Fria, constatou-se o começo de mudanças espetaculares nas identidades dos povos, nos símbolos dessas identidades e, conseqüentemente, na política mundial. Bandeiras de cabeça para baixo foram um sinal de transição, mas as bandeiras estão sendo hasteadas cada vez mais alto e com autenticidade cada vez maior. Os russos e outros povos estão se mobilizando e caminham sob esses e outros símbolos de suas novas identidades culturais<sup>135</sup>.

Teóricos como Huntington buscam no pós Guerra Fria por novos “demônios” e propagandeias uma ameaça islâmica à civilização ocidental, assim consolidam suas teorias. Declaram, em alto e bom tom, que os muçulmanos estão chegando, não somente como ameaça política, também uma ameaça demográfica. Ensaio como esses ganham repercussão na mídia e no meio acadêmico. Revista e jornais trazem em suas manchetes a guerra do mundo muçulmano contra o Ocidente e que o islã seria incompatível com a democracia e exportadores de terrorismo, fomentando o medo ao fundamentalismo. As explosões do World Trade Center fizeram os Estados Unidos tremerem perante a ameaça islâmica dentro de suas fronteiras. O autor afirma que civilizações diferentes não são capazes de viver em harmonia e conseqüentemente entraram em choque pela guerra ou pela cultura, perceba o trecho abaixo:

---

<sup>133</sup> SAID, Edward W, op. cit., p. 323.

<sup>134</sup> Idem: p. 317.

<sup>135</sup> HUNTINGTON, Samuel P, op. cit., p. 17.

O momento de euforia no fim da Guerra Fria gerou uma ilusão de harmonia, que logo se viu não passando disso. O mundo ficou diferente no início dos anos 90, mas não necessariamente mais pacífico. As mudanças eram inevitáveis, o progresso não. Ilusões semelhantes ocorreram, por breves períodos, ao final de cada um dos outros grandes conflitos do século XX. A I Guerra Mundial foi a “guerra para acabar com todas as guerras” e para tornar o mundo seguro para a democracia [...] <sup>136</sup>.

As ideias de civilização e progresso do escritor nos parecem limitadas e para ele, uma sociedade moderna tem como característica a alfabetização e urbanização. Em seu discurso há uma tendência de supervalorizar a cultura ocidental, elegendo-a como sinônimo de progresso, ficando ao encargo dos ocidentais encaminharem as sociedades menos privilegiadas ao rumo do progresso e modernidade, nem que para isso seja empregado o uso da força.

[...] o termo “civilização universal” poderia ser empregado para se fazer referência àquilo que as sociedades civilizadas têm em comum, como as cidades e a alfabetização, e que as distingue das sociedades primitivas e dos bárbaros. Obviamente, este é o significado singular do termo no século XVIII e, neste sentido, uma civilização universal está emergindo, para grande horror de diversos antropólogos primitivos. A civilização, neste sentido, vem se expandindo gradativamente através da História da Humanidade, e a disseminação da civilização, no singular, tem sido perfeitamente compatível com a existência de muitas civilizações, no plural <sup>137</sup>.

[...] Na condição de primeira civilização a se modernizar, o Ocidente lidera a aquisição da cultura da modernidade. À medida que outras sociedades adquirem padrões semelhantes de educação, trabalho, riqueza e estrutura de classes, prossegue a argumentação, essa moderna cultura ocidental se transformará na cultura universal do mundo <sup>138</sup>.

Segundo o autor, o islã é inimigo do ocidente, pois, desde seu surgimento os muçulmanos e cristandade estão em conflito. O argumento é bem frágil já que por diversas vezes a História prova o contrário, como é o caso da Espanha Islâmica, como vimos anteriormente no artigo de Silveira, onde cristãos, judeus e muçulmanos, convivem e praticam intercambio cultural. Mesmo assim, o islã é uma ameaça e precisa ser eliminada para que o ocidente não perca seu monopólio mundial. A intolerância é inerente ao islamismo, afirmando que os países islâmicos estão envolvidos nos conflitos ocorridos no século XX, assegura o escritor. Entendendo que a religião é incapaz de conviver com outras religiões e culturas.

---

<sup>136</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 81.

Como religião monoteísta não aceitam o Deus do outro, o que para o escritor, só pioraria o relacionamento intercultural, sem levar em conta outros fatores como o geopolítico, a economia e a História.

[...] Os muçulmanos receiam e detestam o poderio ocidental e a ameaça que ele representa para a sua sociedade e suas crenças. Eles vêm à cultura ocidental como materialista, corrupta, decadente e imoral. Eles também a vêm como sedutora e, em consequência, acentuam ainda mais a necessidade de resistir ao seu impacto sobre seu estilo de vida. Os muçulmanos cada vez mais atacam os ocidentais não por professarem uma religião imperfeita e errônea, que é, não obstante uma “religião do Livro”, mas por não professarem nenhuma religião em absoluto [...]<sup>139</sup>.

Tanto árabes como muçulmanos acreditam que há ameaça de um imperialismo político, religioso e, uma dominação que vem acompanhado de uma invasão cultural. Assim, tanto um lado como o outro fazem a opção de “demonizar” o outro. Talvez o que afaste o entendimento seja o medo de lidar com uma modernidade padrão, ditada nos regras ocidentais, e que os padrões europeus não são adequados à cultura islâmica. Essa teoria coloca “nós” contra “eles” numa realidade construída e pré-determinada politicamente. Vemos esse distanciamento do Oriente como uma negação as instituições e hábitos ocidentais, essa afirmação não é verdadeira, o que houve foi a escolha por um caminho próprio.

A teoria de Huntington não nos parece sustentável, não aceita o desafio de apreciar a diversidade, o diferente, simplesmente apresenta ideias determinadas de prejulgamentos que não respondem as situações e razões tão específicas, não respeitando os vários agrupamentos nem as especificidades dos países islâmicos. Em nenhum momento, o autor tenta romper com a visão do estereótipo muçulmano, não há como falar em *Choque de Civilizações* sem ignorar as trocas culturais, as migrações, os intercâmbios, as trocas comerciais e políticas entre Ocidente e Oriente.

---

<sup>139</sup> Ibidem, p. 267.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

### **Salvando Almas**

Com o pretexto de salvar almas, muito foi feito. Missionários lançaram-se em terras e aventuras incríveis, o mundo conhecido nunca mais foi o mesmo, as relações entre Oriente e Ocidente sofreram mudanças que chegam até nós. Os caminhos da Rota da Seda nos fez refletir sobre as experiências históricas dos contatos proporcionados pela abertura das rotas de comércio. Já as Cruzadas, ao fim do século XIII, deixaram de ser uma realidade histórica para apenas existir no imaginário dos ocidentais. Os pontos de vistas dos viajantes nos fez entender que esses homens vinham de sociedades distintas com modalidades de organização política, social e cultural próprias.

Concluimos que esses contatos ocorridos e inicializados no medievo são fundamentais para entender os processos políticos e as demandas atuais referentes à entrada e o tratamento dado aos orientais na Europa. Como a diversidade da visão dos viajantes medievais e a condição de ser católico foram e ainda são determinantes nas noções de alteridade no que se refere às culturas e povos do Oriente, construído no momento do contato o olhar do cristão, um olhar carregado de dúvidas e desconfianças. Entendemos a relação das trocas culturais, em oposição à ideia de um choque de civilizações, como aparece em muitos discursos da atualidade. O olhar de alteridade de Odorico teve um fim certo, foi o olhar da crítica no ângulo cristão latino, e ficou claro a intenção de descaracterizar os costumes das religiões concorrentes e sempre tentou estabelecer a grande superioridade de sua fé, o que contrastou com as declarações de mercadores como Marco Polo. No documento e escritos produzido pelo viajante religioso Odorico de Pordenone é significativo no acesso às informações, juízos e impressões deixados pelo viajante intercontinental para o desenvolvido deste estudo, a construção imagética apresentou-se como problema de representação, de como dizer o “outro”. Mesmo que, em alguns momentos certas passagens mesclassem informações da realidade com ficção, porém, ao sabor dos leitores europeus medievais e renascentistas.

É fato, que ao promover contatos, a Rota da seda colocou pessoas, ideias e tecnologias em movimento. Os relatos de Odorico nos revelam a geografia e o modo de pensar de homens como ele em sua época, a trazer à tona as imagens do mundo enxergadas pelos ocidentais no momento em que eles notavam a ampliação das próprias fronteiras geográficas.

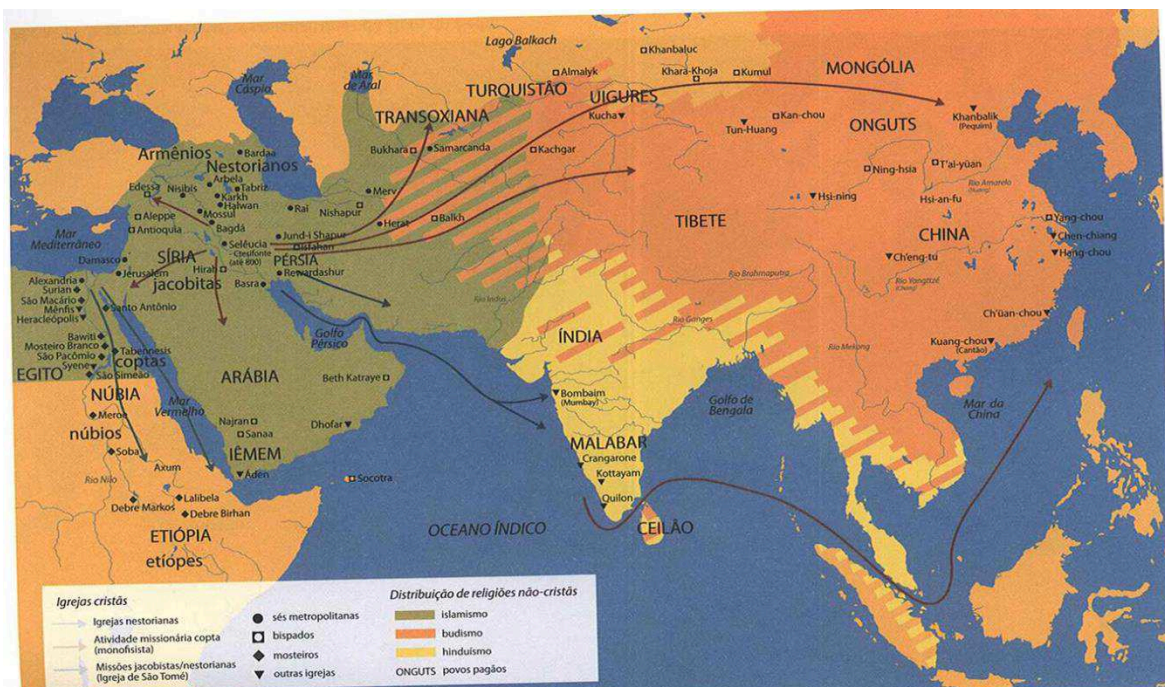
Finalmente, que esses contatos ocorridos e inicializados no medievo são fundamentais para entender os processos políticos e as demandas atuais referentes à entrada e o tratamento dado aos orientais na Europa. Buscamos entender a relação das trocas culturais, em oposição à ideia de um choque de civilizações, como aparece em muitos discursos recentes. Acredito que as trocas culturais foram comuns aos dois “mundos” e que esses contatos foram perceptíveis no medievo e que ainda são perceptíveis nos dias de hoje.

Gostaríamos que essa monografia contribua para que se rompa os estereótipos culturais, aceitando e apreciando o diferente, o diverso, sem prejudicarmos as necessidades e particularidades do “outro”. Aprendemos ao longo desta pesquisa que Orientais e Ocidentais não precisam viver em choque, pois, não podemos ignorar os contatos, os intercâmbios, as trocas culturais, políticas e de comércio enriquecedores entre Leste e Oeste.

## ANEXO I

**Figura 02 - A difusão do Nestorianismo.**

Fonte: MACEDO, José Rivair (org.). **Os Viajantes da Rota da Seda (séculos V-XV).** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 212.



Mapa 2 - A difusão do nestorianismo.



## ANEXO II

**Figura 03** – Odorico de Pordenone nas Índias.

(Fonte: MACEDO, José Rivair (org.). **Os Viajantes da Rota da Seda** (séculos V-XV). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 224.

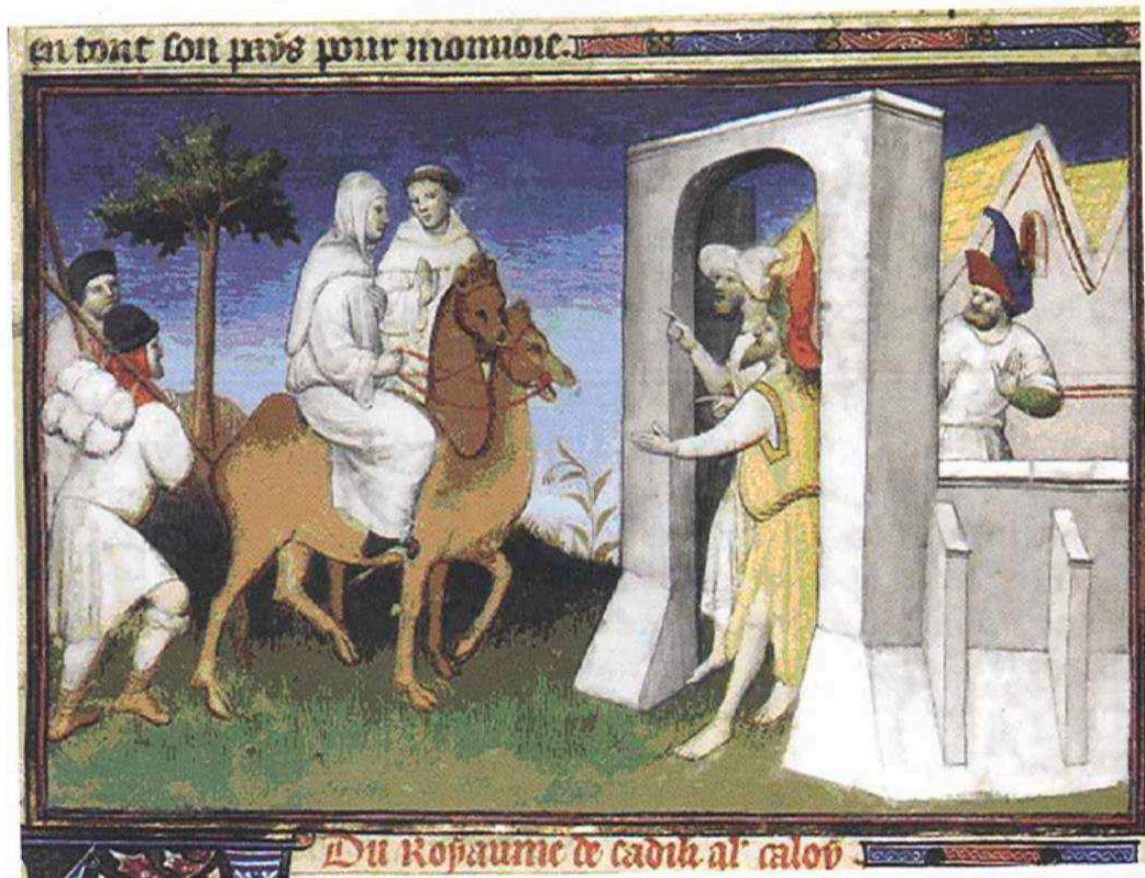


Figura 9 – Odorico de Pordenone nas Índias (BnF, ms. 2810, fólio 113).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **Palavras em viagens**: um estudo dos relatos de viagens medievais muçulmanos e cristãos. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, n. 32, p. 83-115, 2005.
- BATISTA NETO, Jônatas. **Aspectos das Viagens Medievais**: obstáculos e perigos. *Revista de História (USP)*, São Paulo, n. 119, p. 182-196, 1985-1988.
- BOULNOIS, Luce. **La Ruta da Seda**. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1999 (Coleções Aventura e Viagens, n. 16).
- BOULNOIS, Luce. **La Ruta da Seda**, cap. III: “Sobre las marcas bárbaras del Oeste”; **Texto 2**: cap. IV.
- BOULNOIS, Luce. **La Ruta da Seda**, Introdução e Cap. “El País de la Seda”.
- BUENO, André. **Arte e Religião na Rota da Seda**. As transformações na Iconografia Budista, *Transoxiana*, 12, Agosto 2007.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- DUCELLIER, Alain. **A Idade Media no Oriente**: Bizâncio e o Islão: dos bárbaros aos Otomanos. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- FÁBREGAS GARCÍA, Adela. **Aprovisionamiento de la seda em El reino nazari de Granada**: vias de intervención direta practicadas por La comunidad mercantil genovesa. **En la España Medieval**, Madrid, n.27, p. 53-75, 2004.
- GONÇALVES, Ricardo Mario. **A presença chinesa no Oceano Índigo ocidental no século XV** – As viagens de Cheng Ho. *Revista de História*, São Paulo, Vol. XXXIV, n.70, p.331-342, 1967.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilização e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LOPES, Paulo. Os livros de Viagens Medievais. *Medievalista* online, ano 2, n.2, pp. 1-32, 2006.
- LOPES, Paulo. **Os livros de Viagens Medievais**. *Medievalista* online, ano 2, n.2, pp. 1-32, 2006; **texto 2**: ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. Palavras em viagens: um estudo dos relatos de viagens medievais muçulmanos e cristãos. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, n. 32, p. 83-115, 2005.

MACEDO, José Rivair (org.). **Os Viajantes da Rota da Seda (séculos V-XV)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2º Ed. reimp-Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Coleção “Histórias e Reflexões”. Editora Autentica, 2. Ed – Belo Horizonte, 2004.

PORDENONE, Odorico da. *Itinerarium*, in: Sinica Franciscana, collegit, ad fidei codicum, redegitetannotavit P. ANASTASIUS VAN DEN WYNGAERT, OFM. Vol. I, Itinerae relationes fratrum minorum saeculi XIII et XIV. Firenze: Apud Collegium S. Bonaventurae, Quaracchi, 1929, p. 381-495.

CARPINE, João de Pian Del; RUBRUC, Guilherme de; MONTECORVINO, João de; PORDENONE, Odorico de. **Crônicas de Viagem: Franciscanos no Extremo Oriente antes de Marcos Polo (1245-1330)**. Tradução de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre: EDIPUCRS; Bragança Paulista: EDUSF, 2005. P. 337. Coleção Pensamento Franciscano, Vol. VII.

CICHELERO, Paulo Irineu; BALBINOT, Caio Luciano; BASEGGIO, Caroline Acco. In: MACEDO, J.R. **Os viajantes medievais da rota da seda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVEIRA, Aline Dias da. **Cristãos, muçulmanos e judeus na medievalística alemã: reflexões “para um novo conceito de idade média”**. Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: A questão do outro*. São Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Filósofo e linguista.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 2. Editora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

